

OS MISTÉRIOS DE ENOLA HOLMES

— O Caso —
do Adeus
Cigano

NANCY SPRINGER

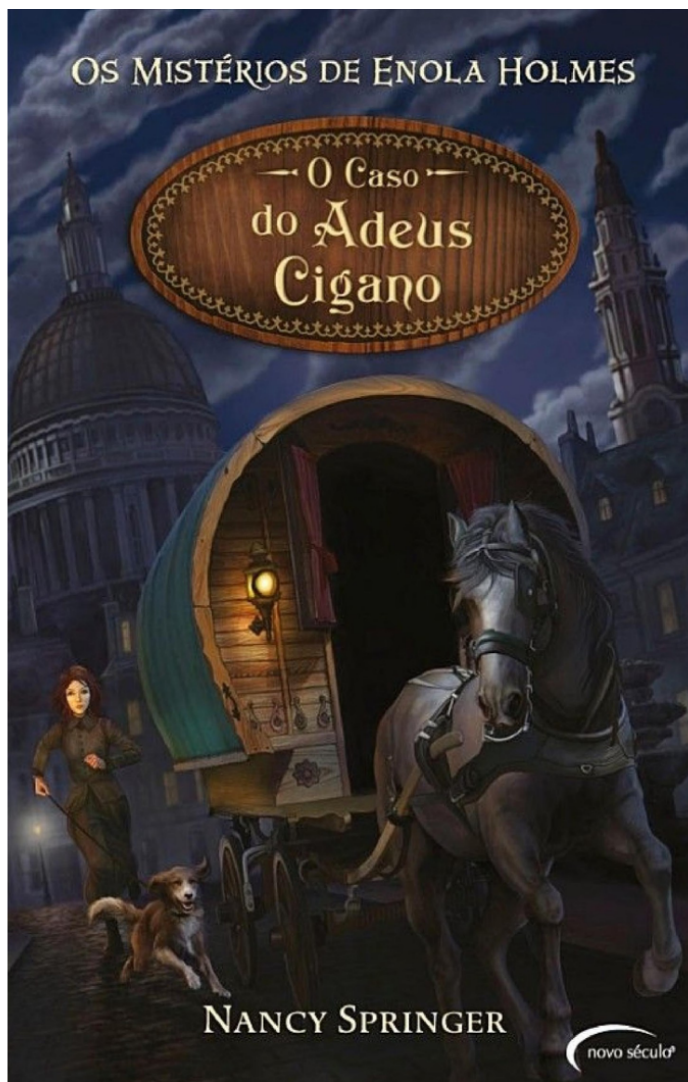
novo século®

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

OS MISTÉRIOS DE ENOLA HOLMES

— O Caso —
do Adeus
Cigano



NANCY SPRINGER

O caso do adeus cigano

The case of the gypsy goodbye

Copyright © 2008 by Nancy Springer

First published in the United States of America by Philomel Books,
a division of Penguin Young Readers Group, 2006

Published by Puffin Books, a division of Penguin Young Readers Group, 2007

All rights reserved

Copyright © 2012 by Novo Século Editora Ltda.

Produção Editorial: Equipe Novo Século

Editoração Eletrônica: Fama Editora

Capa: Rodrigo Valpassos

Tradução: Paulo Ferro Junior

Preparação de Texto: Ana Cristina Teixeira

Revisão: Cátia de Almeida

Diagramação para Ebook: Claudio Tito Braghini Junior

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Springer, Nancy

O caso do adeus cigano / Nancy Springer ;

[tradução Paulo Ferro Jr]. -- Osasco, SP :

Novo Século Editora, 2012.-- Osasco, SP : Novo Século Editora, 2012.

Título original:

1. The Case of gypsy goodbye

11-05365

CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

2012

Proibida a reprodução total ou parcial.

Os infratores serão processados na forma da lei.

Direitos exclusivos para a língua portuguesa cedidos à

Novo Século Editora Ltda.

Alameda Araguaia, 2190 – 11º andar – CJ 1111

Barueri – SP – CEP 06455-000

Tel. (11) 2321-5080

www.novoseculo.com.br

atendimento@novoseculo.com.br

ISBN: 978-85-7679-684-8

Julho, 1889

— Senhor Sherlock, estou feliz em vê-lo, o que lhe forçou... — A Sra. Lane, fiel serviçal da família Holmes, que conhecia o grande detetive desde que era um garoto de calças curtas, não conseguia esconder o carinho em sua voz ou as lágrimas que brotavam de seus velhos e turvos olhos — ...o que lhe forçou a vir...

— Besteira. — Se esquivando, como sempre, de qualquer demonstração de emoção, Sherlock Holmes analisava a carpintaria escura de Ferndell Hall.

— Agradeço qualquer oportunidade que tenha de visitar meu antigo lar.

Vestido com um traje de campo de verão — terno de linho bege, luvas e botas leves de couro de bode, chapéu de caçador — ele deixa as luvas e o chapéu na mesa da sala de estar, assim como sua bengala, e vai direito aos negócios.

— O telegrama do senhor Lane foi enigmático demais. Me diga, o que há de tão estranho nesse pacote que vocês hesitam em abrir?

Antes que ela pudesse responder, seu marido entrou apressado na sala, o mordomo de cabelos brancos, com um nível de dignidade consideravelmente menor do que lhe é habitual.

— Senhor Sherlock! Que bondade a sua! — e começou a mesma tagarelice novamente. — Um deleite aos meus velhos olhos... tão bondoso de sua parte... o dia está muito quente. Devo presumir, Sir, que deseje sentar lá fora?

E então Sherlock Holmes é educadamente levado para a varanda, onde havia sombra e a brisa aliviava o calor, e a Sra. Lane ofereceu limonada e biscoitos doces, antes que Sherlock Holmes conseguisse voltar a falar de negócios mais uma vez.

— Lane — ele pergunta ao venerável mordomo — O quê exatamente alarmou você e a Sra. Lane nesse pacote que vocês receberam recentemente?

Treinado com maestria por décadas de resolução de problemas domésticos, Lane respondeu metodicamente:

— Em primeiro lugar, senhor Sherlock, foi o jeito que aquilo chegou, no meio da noite, e sem sabermos quem o deixou ali.

Pela primeira vez, aparentando não estar aborrecido, o fantástico detetive se inclinou para a frente em sua cadeira de vime estofada.

— Deixou onde?

— Na porta da cozinha. Nós só a teríamos encontrado pela manhã se não fosse por Reginald.

O *collie* de pelos desarrumados, que estava deitado ao seu lado, levantou a cabeça ao ouvir seu nome.

— Temos deixado ele dormir dentro de casa — explicou a Sra. Lane, enquanto acomodava seu enorme corpo em outra cadeira. — Pois está com a idade avançada, como nós.

Reginald repousou a cabeça novamente e bateu sua cauda peluda contra o chão de tábuas da varanda.

— Suponho que ele tenha latido? — Sherlock Holmes começava a ficar impaciente.

— Ah, ele latiu como um tigre! — a Sra. Lane concordou enfaticamente. — Mas apesar disso acho que não teríamos ouvido se não estivéssemos dormindo no sofá da biblioteca, e peço perdão por isso, senhor Sherlock, mas é porque os degraus são um tormento para meus joelhos.

— Mas eu estava em meu quarto — disse Lane, enfatizando o fato. — E não sabia nada do assunto até que a Sra. Lane me chamou, fazendo tocar o sino.

— Ele estava pulando na porta da cozinha e latindo como um leão!

Presumivelmente a Sra. Lane se referia ao cachorro. Seus comentários excitados faziam um enorme contraste com o cuidadoso relatório do marido, especialmente se levarmos em conta que nem tigres nem leões latem.

— Tive medo de fazer qualquer coisa antes que o senhor Lane descesse.

Sherlock Holmes recostou em sua cadeira com seus traços aquilinos tomando a habitual expressão de desapontamento com a tolice da humanidade.

— Então, quando você conseguiu investigar, encontrou um embrulho,

mas nenhum sinal da pessoa misteriosa que o deixou ali, que horas eram?

Lane respondeu:

— Por volta de três e vinte da manhã de quinta-feira, senhor Sherlock. Saí e procurei um pouco lá fora, mas estava escuro e o céu coberto de nuvens, e não dava para ver nada.

— É claro. Então você trouxe o pacote para dentro, mas não o abriu. Por quê?

— Presumo que não seja para nós, senhor Sherlock. E, além disso, o embrulho por si só é estranho de tantas maneiras que é até difícil explicar.

Pareceu que Lane queria explicar mesmo assim, mas Sherlock Holmes se levantou erguendo a mão, impedindo-o.

— Vou contar com minhas próprias impressões. Por gentileza, me traga o misterioso embrulho.

Não era bem um embrulho. Estava mais para um envelope enorme e fino, feito de um tipo grosso de papel pardo colado, e era tão leve que parecia não haver nada ali dentro. As inscrições sobre ele, entretanto, fizeram com que os olhos de Sherlock não conseguissem deixar de se fixar nelas. Cada centímetro da face do envelope estava coberto com rudes desenhos negros. Todos os quatro lados do retângulo estavam fortemente bordejados por linhas que incluíam ziguezagues, espirais e serpentinas, enquanto diagonalmente, cruzando os cantos, desenhos amendoados e circulares espiavam como se fossem olhos primitivos, pesadamente contornados.

— Eles me dão medo — disse a Sra. Lane, se referindo aos desenhos, fazendo o sinal da cruz.

— Provavelmente essa é a intenção. Mas quem...

Sherlock Holmes deixou a questão morrer em seus lábios enquanto analisava as outras inscrições: desenhos grosseiros de pássaros, cobras, flechas, signos do zodíaco, estrelas, luas crescentes e pequenos sóis preenchiam cada centímetro do papel, como se houvesse algum medo de que deixassem espaço para mais alguma outra coisa — com exceção de um enorme círculo centralizado no envelope. Ameaçadoramente bordejado por carreiras de linhas entrelaçadas, este espaço, à primeira vista, parecia que estava vazio. Mas Sherlock Holmes, que pegara sua lupa para estudar o envelope centímetro a centímetro, se concentrou na área central com uma intensidade notável, inclusive para ele.

Depois de vários momentos, ele abaixou a lupa, aparentemente sem notar

que a havia colocado em cima do prato de biscoitos, e se sentou com o envelope no colo, olhando fixamente para o distante bosque de carvalhos de Fennell.

Lane e a Sra. Lane trocaram olhares. Nenhum disse uma palavra. E, no silêncio, podia-se ouvir o ronco de Reginald Collie.

Sherlock Holmes piscou, olhou para o cão adormecido, e então se voltou para o mordomo e sua esposa.

— Algum de vocês, notou os desenhos a lápis?

De um modo estranhamente formal, e até cauteloso, Lane respondeu:

— Sim, senhor. Notamos.

— Isso escapou aos meus olhos completamente — disse a Sra. Lane como se confessasse um pecado. — Até que o senhor Lane me mostrou à luz da manhã. É difícil ver no papel pardo.

— Imagino que tenha sido mais fácil de ver antes que alguém colocasse todo esses enfeites rudes a carvão ao redor dele.

— Carvão? — exclamou tanto o mordomo quanto a cozinheira.

— Claramente. Se inspecionar de perto pode-se ver a granulação e as manchas. O pó do carvão quase obliterou o desenho, que foi, tenho certeza, feito primeiro. E quanto ao desenho, o que entenderam dele?

Lane e Sra. Lane trocaram um olhar desconfortável antes que ele respondesse:

— Um delicado desenho de uma flor, bastante adorável...

— Um crisântemo... — interrompeu Sherlock de modo brusco.

— ...entre uma gama de outras plantas.

— Heras — disse Sherlock ainda mais curto. — Por acaso algum de vocês reconheceu o estilo do artista?

Silêncio. Os Lanes pareciam claramente infelizes.

— Bem — disse finalmente a Sra. Lane —, eles me lembram os desenhos de...

Mas parecia incapaz de prosseguir.

— Não cabe a nós dizer, senhor Sherlock — suplicou Lane.

— Ah, prossiga — o tom de Sherlock exibiu um estado de espírito altamente volátil. — Os dois sabem tanto quanto eu que essa figura foi desenhada por minha mãe.

Ele falava da senhora Eudoria Vernet Holmes, que estava desaparecida há

quase um ano, embora não se suspeitasse de nenhum crime. Parecia que a ex-cêntrica idosa havia simplesmente fugido.

E, pouco tempo depois dela, assim também fez sua filha, a irmã mais nova de Sherlock, Enola Eudoria Hadassah Holmes, de quatorze anos de idade.

Uma pausa considerável se seguiu antes que a Sra. Lane perguntasse timidamente:

— Senhor Sherlock, teve alguma notícia da senhora Holmes ou da senhora Enola?

— Ah — o grande detetive sentiu uma estranha constelação de emoções ao ouvir o nome de sua irmã, mas não revelou nenhuma em seu rosto de águia.

— Sim, encontrei Enola diversas vezes em Londres, ainda que nunca tenha sido satisfatório.

— Ela está bem?

— Ela está escandalosamente bem. E, à primeira vista, parece estar conspirando junto à mãe, se comunicando através de mensagens codificadas nas colunas pessoais da *Pall Mall Gazette*.

A Sra. Lane olhou para o Sr. Lane. Este limpou a garganta antes de se aventurar:

— Você desvendou o código?

— Vários códigos. É claro que os desvendi. Quer dizer, todos, menos um, do qual não entendi nada. — Essa confissão afiou o tom do grande detetive. — Eu consigo, entretanto, afirmar que o apelido de minha mãe é Crisântemo e que o de minha irmã é Hera.

Com a ponta do dedo esticado, ele tocou no fraco desenho que havia no envelope em seu colo.

Tanto Lane quanto a Sra. Lane engasgaram, com tal força que Reginald Collie esqueceu-se do sono, se levantando e ficando sobre suas quatro patas brancas com sua cabeça inteligente em alerta, com as orelhas peludas levantadas e o focinho trabalhando.

— Reginald — Sherlock se dirigiu ao cachorro tão seriamente, como se estivesse explicando um caso para Watson. — Por meses não houve nenhum tipo de notícia da senhora Holmes. Por que, agora, chegaria uma, dessa forma?

Seus dedos finos executavam uma percussão muda sobre o envelope de

papel pardo.

— E o que há dentro disto?

Lane ofereceu: — Devo trazer uma pequena faca, senhor?

— Não. Não posso abrir isso — um cavalheiro sequer sonharia em ousar espiar a correspondência de outra pessoa. — Isto foi enviado para Enola.

Sherlock Holmes guardou sua lupa no bolso e se levantou, alerta como o cão ao seu lado; era como um cão de caça farejando a presa.

— Devo levar isso de volta à Londres comigo e entregar para ela.

Lane e a Sra. Lane também se puseram de pé, olhando fixo para ele. O mordomo externou sua dúvida.

— Mas, senhor Sherlock, sabe como encontrá-la?

— Sim — com um brilho aguçado nos olhos, o detetive quase sorriu. — Sim, acredito que sei.

Capítulo Primeiro

Apresentando-me ao trabalho naquela manhã fatídica em meu escritório (ou seja, no escritório do Dr. Ragostin, vidente científico, meu patrão fictício), eu usava um vestido de seda cor de visco, com colarinho de organza digno de uma “princesa”, e um chapéu combinando sobre minha touca castanha (a peruca) de muito bom gosto e, no dedo apropriado, uma aliança de casamento.

— Bom dia, senhora Jacobson! — berrou o garoto de recados, enquanto segurava a porta para mim.

— Bom dia, Joddy! — sorri. Na verdade, irradiei felicidade. Finalmente, depois de um mês, o simplório rapaz havia entendido, em contraste com a primeira manhã em que havia ido ao trabalho com um vestido feito sob medida (algodão fino cor de ameixa com finos detalhes em crochê) e a aliança.

— De agora em diante, devem se referir a mim como senhora Jacobson — expliquei firmemente para os funcionários reunidos (e assustados) do “Dr. Ragostin”: a Sra. Fitzsimmons, a governante; Sra. Bailey, a cozinheira; e Joddy.

— Senhora John Jacobson. — Estiquei minha mão esquerda para exhibir minha aliança de casamento, comprada na noite anterior em uma loja de peňhores.

— Parabéns! — exclamou Joddy, com os olhos arregalados embaixo do ridículo chapéu que os garotos de recado obrigatoriamente devem usar. — É de ouro, não é? Ouro de verdade?

— Hum, meus cumprimentos — disse a Sra. Fitzsimmons.

— Nos perdoe pela surpresa; fomos pegas desprevenidas.

O que não estava muito longe de como me sentia, embora, é claro, não pudesse explicar como durante a noite, por causa das informações que meu ir-

mão Sherlock havia recebido durante o caso do Lorde Whimbrel e a crinolina misteriosa, eu fora obrigada a fugir do Distrito Leste, deixando para trás todas as roupas confeccionadas para Ivy Meshle, as vulgares extensões de cabelos loiros e as quinquilharias baratas, pois sabia ser necessário mudar minha identidade.

— Bem, você não demonstrou nenhum dos sintomas habituais — elaborou a Sra. Fitzsimmons.

— Besteira — explodiu em seguida a cozinheira, Sra. Bailey. — Este senhor Jacobson, ele vive no mesmo lugar que o doutor Ragostin, não é?

As outras duas engasgaram. Esta era a primeira vez que uma delas ousava dizer uma coisa dessas na minha frente, se referindo à extensão de minhas invencionices, o branco edifício de mentiras sobre o qual havia construído minha carreira. Certamente deveria tê-la reprimido severamente, mas ela me encantou e me divertiu, toda inflada como um ouriço do mar, tanto que irrompi em risadas.

Os três olharam para mim assustados, como não podia deixar de ser.

— Muito verdadeira e corajosamente colocado, senhora Bailey — vociferei, ainda sorrindo enquanto me acalmava. — Agora me diga, a senhora é bem paga aqui? É bem tratada? É um bom lugar para trabalhar?

Perguntei a cada um deles com o olhar, as sobrancelhas levantadas. E cada um afirmou com fervor, talvez pensando nos bônus excessivamente generosos que eu havia distribuído na época de Natal.

— Bem, então — perguntei, olhando particularmente para a Sra. Bailey dessa vez. — Qual é o meu nome?

Sem dúvida grata por não ter sido demitida por sua explosão impensada, ela respondeu como se fosse uma coconspiradora:

— Claro, e seu nome é... é... droga, esqueci.

— Senhora John Jacobson.

Um nome bem comum, tanto que meu marido fictício não precisava ser o mesmo John Jacobson conhecido por qualquer um que eu encontrasse.

Na verdade ela até balançou a cabeça em cortesia:

— Sim, madame, senhora Jacobson.

— Muito bom. Senhora Fitzsimmons?

— Meus mais calorosos desejos de felicidades, senhora Jacobson.

— Obrigada — não só minha aparência havia mudado; eu me permitia

um sotaque mais aristocrático. — Joddy?

— Hum, do jeito que você disse, minha senhora.

Suspirei; será que o pequeno cabeça dura nunca aprenderia?

— Você não deve me chamar de senhora! Qual é meu nome, agora?

— Hum, senhora Jacobs?

— Jacobson.

— Sim, minha senhora. Senhora Jacobson.

— Muito bem. E, acidentalmente, não sou mais a secretária do Doutor Ragostin; sou sua assistente.

— Muito bem, senhora Jacobson — todos concordaram com minha autopromoção.

— Na verdade, isso não faz diferença — admiti. — Então, podem voltar aos seus deveres.

E, sem mais cerimônias, eles o fizeram. Eu sabia que iriam fofocar com os outros empregados da vizinhança. Por sorte, era uma vizinhança bem distante da de Sherlock ou de Mycroft, e, felizmente, nenhum dos meus irmãos tinham empregados. Mesmo assim, suspirei pela preocupação de que algum sussurro pudesse atrair sua tão indesejada atenção.

Mas fui me preocupando cada vez menos conforme junho foi se tornando julho, e o único evento notável foi que passei a comer tão bem em minha nova residência que meu rosto, e outras partes, se arredondaram um pouco, e não precisavam mais de tanto enchimento. Havia alugado um quarto bem caro no Clube das Mulheres Profissionais, do qual eu era um membro, e não eram permitidos homens em suas dependências em nenhuma circunstância; me sentia a salvo ali. Essas circunstâncias, combinadas à mudança em minha aparência, me acalmaram e fizeram com que me tornasse tão complacente que em breve isso seria confundido com presunção. Entretanto, não antes que um interessante e confluyente evento se iniciasse.

Capítulo Segundo

Sobre o dia fatídico mencionado anteriormente, em que usava o vestido verde visco, tão logo cheguei ao escritório do Dr. Ragostin a campainha tocou. E tocou, e tocou, e continuou tocando como um alarme de incêndio.

— Socorro! Pelo amor de Deus, alguém me ajude! — gritou a voz de um homem com tom aristocrático, melodramático, de fato quase lírico. Sem tentar manter de modo algum o comedi-mento britânico.

— Depressa! — não reconheci o sotaque estrangeiro naquela voz grossa?

— Por Deus, Joddy — instruí, dali da minha mesa, o garoto assustado. — Abra a porta.

E assim que ele o fez, vi o homem que gritava, seu rosto contorcido e enrubescido ridiculamente ensanduichado entre sua cartola brilhante e seu colarinho engomado, gravata de seda e casaco de usar na cidade. Entrando a passos largos em meu escritório, vindo direto em minha direção, enquanto me levantava para recebê-lo, com um evidente esforço tentou normalizar o rosto. Um jovem lorde com uma beleza um tanto quanto selvagem, ele me fez lembrar de Heathcliff, do livro de Bronte¹.

— O Doutor Ragostin está? — ele exigiu como alguém que estava quase perdendo a cabeça, mas não a educação; tirou o chapéu, mostrando os cabelos negros como um corvo.

— Infelizmente não. E não esperamos que ele volte por um bom tempo — meu vestido de seda e organza não me fazia parecer uma simples empregada, e isso aumentava minha coragem. — Como assistente pessoal do Doutor Ragostin, talvez possa lhe ajudar? Por favor, sente-se.

Ele se deixou cair em uma cadeira como se estivesse exausto. Quase por

milagre, considerando sua habitual ineptidão, Joddy apareceu com um jarro de água gelada e copos em uma bandeja. Servi à água, e o homem aceitou sua bebida gelada, sem dúvida de modo a se recompor e, ao mesmo tempo, confortar sua garganta rouca. Enquanto isso, voltei ao meu lugar atrás da mesa.

— Seu nome, por favor — requisitei, com lápis e papel a postos.

Suas sobranceiras, como asas negras de um corvo, inclinaram-se.

— Minha esposa, que vem a ser a terceira filha do conde de Chipley-on-Wye, desapareceu inexplicavelmente, sob condições muito estranhas. Os policiais agem como patetas; e não tenho tempo a perder com mais erros. Gostaria muito de falar diretamente com o Doutor. Ragostin.

— É claro. Todavia, estou totalmente autorizada a me responsabilizar por ações preliminares em caso de emergências. Agora, por favor, devo registrar os fatos. Seu nome?

Ele se colocou reto como um mastro em sua cadeira.

— Eu sou Duque Luis Orlando Del Campo de sangue real catalão.

Ah, um duque espanhol!

— Fico encantada por estar a serviço de SuaVossa Graça — recitei automaticamente.

Como qualquer aluno de colégio britânico, tinha que saber de cor os níveis de nobreza: rei, duque, marquês, conde, barão; e formas de me dirigir sendo vossa Real Alteza, Vossa Graça, Lorde, Lorde e Lorde. E para coisas estranhas como imperadores, condes, cavaleiros, filhos mais jovens e coisas parecidas, precisa-se consultar um livro de etiqueta.

— E o que...

— Minha duquesa — ele interrompeu com ainda maior imponência. — É a louvada Lady Banchefleur, reconhecida mundialmente por sua beleza frágil; uma flor delicada sobre um frágil filamento de mulher.

— De fato — murmurei, bastante surpresa com sua descrição poética, mesmo que o nome de sua esposa significasse “flor branca” em francês. — E a infelicidade de Vossa Graça é que a duquesa tenha sumido?

— Ela foi sequestrada de algum modo incompreensível, como acreditamos, enquanto desfrutava de sua caminhada diária com suas acompanhantes.

Sua pele, agora, estava muito branca sob seus cabelos negros.

— E aproximadamente que horas ocorreu o terrível feito?

— Por volta das duas horas da tarde de ontem.

Então, provavelmente, ele passou a noite acordado; não é de se estranhar que esteja com a aparência um tanto abatida.

— E onde isso aconteceu?

— Enquanto caminhavam pelas redondezas do bairro de Marylebone. Acredito que tenha sido na Baker Street.

— Ah — balbuciei. — Hum.

Baker Street! Onde meu adorado e formidável irmão Sherlock residia, e onde eu seria colocada perigosamente próxima a ele enquanto investigava esse caso.

— Er... Baker Street. Certo. Em que ponto da Baker Street, exatamente?

— Em Dorsett Square...

Oh Deus! Extremamente perto do apartamento de Sherlock.

— ...onde, pelo que parece, há uma estação do metrô — o duque disse a palavra “metrô” com o desgosto característico de um cavalheiro, desdenhando deste novo, supérfluo, escuro e nocivo modo de se locomover, já que apenas as classes mais baixas usavam o transporte mais barato de Londres. Embora as locomotivas armazenassem sua fumaça em câmaras atrás dos motores, soltando-a apenas em poços ventilados criados com esse propósito, mesmo assim, o metrô fedia a emissões gasosas e vapores, tudo somado ao esplendor devastador da humanidade sem banho.

Será que meu irmão Sherlock já usou o metrô? Em nenhum dos relatos do Dr. Watson, que eu havia lido sobre o grande detetive, ele colocava seus pés na estação de metrô localizada convenientemente a um quarteirão de sua residência.

— Por favor, Vossa Graça — encorajei meu aristocrático cliente. — Diga-me exatamente o que aconteceu.

— A coisa mais tola e preocupante. — O Duque Luis Orlando Del Campo levantou as duas mãos enluvadas em sinal de protesto. — Não posso continuar a repetir essa história como se eu fosse um papagaio. Exijo que você chame o Doutor Ragostin!

Deixe-me poupá-lo, gentil leitor, dos afagos, das tentativas de acalmar, dos copos de água, da perda de tempo que tudo isso me causou antes de conseguir um relato bem confuso da parte dele. Basta dizer que, por razões que não ficaram claras, sua esposa, Vossa Graça a duquesa, havia descido às regiões inferiores do metrô de Baker Street. Uma de suas damas de companhia

teve coragem de acompanhá-la. Outra havia ficado na entrada. Eventualmente, a primeira voltou correndo escada acima muito perturbada; onde estava a duquesa? As duas, então, desceram para procurar, mas em vão. A nobre e bela Blanche fleur Del Campo havia desaparecido.

Que intrigante.

— Suponho que a polícia já tenha iniciado uma busca?

Ele ergueu o rosto feroz, desesperado.

— Sim, eles procuraram, mas não encontraram nenhum sinal dela.

— Poderia ela ter saído por uma entrada diferente?

— Asseguro-lhe que não há outra. É ridículo pensar que pode ter saído andando pelos trilhos.

De fato, ridículo, pois fazer isso seria ficar em companhia dos ratos e se arriscar a ser atropelada por um trem.

— Poderia ela, por alguma razão, ter entrado no vagão de um trem?

— Nenhum trem passou durante o momento em que ela desapareceu. As duas damas de companhia foram inflexíveis nesse ponto, e os horários do metrô o sustentam.

— E se a duquesa houvesse permanecido na plataforma, ou subido as escadas, elas a teriam visto?

— Exatamente! É impossível. Minha sanidade está por um fio.

— O senhor recebeu um pedido de resgate?

— Ainda não. Diria que irei. Não apenas eu, como o pai dela, o conde — somos muito ricos — mesmo assim este sequestro bizarro é inconcebível, inconcebível! Como ela foi levada? Sem que ninguém visse? Sendo que ninguém poderia imaginar que entraria em tal lugar, já que ela foi até lá por um mero capricho tolo?

— Que capricho pode ter sido esse, Vossa Graça?

— Ninguém me explicou de maneira satisfatória. As damas de companhia da duquesa simplesmente ficaram histéricas quando as questionei, e o inspetor da polícia também não conseguiu encontrar algum sentido no que elas disseram. O mundo inteiro está ficando louco. Acredito que eu vá ficar louco também! Eu chamei o senhor Sherlock Holmes...

O meu coração saltou!

— Mas ele tinha ido para algum lugar ridículo no interior e espero que regressasse hoje. De fato...

O perturbado Duque Luis Orlando Del Campo puxou um magnífico relógio de ouro do bolso do casaco e o consultou.

— ...ele deve estar me esperando nesse momento. Preciso ir — ele se levantou. — Faça a gentileza de contar ao Doutor Ragostin...

— Vossa Graça, estou certa de que o doutor... — interrompi, mantendo minha voz serena enquanto meus pensamentos estavam acelerados — ...precisará falar com as damas de companhia da sua esposa...

— As duas estão muito consternadas.

— Muito natural. Apesar disso, elas devem ser interrogadas e, sem dúvida, se não confiaram em você ou no inspetor de polícia, não irão falar abertamente com um homem estranho.

— Verdade. Absoluta verdade — ele murmurou de um modo distraído, seus olhos loucos vasculhando o escritório, e então se fixando em mim como se tivesse uma revelação.

— Talvez fosse melhor se você, uma mulher, fosse interrogá-las? Você estaria disposta a fazer isso?

— É claro — me refreei de parabenizá-lo por atingir a solução que eu havia planejado desde o começo com tanta inteligência. — Qual é seu endereço, Vossa Graça?

Capítulo Terceiro

Pisquei surpresa ao ver pela primeira vez a residência do Duque Luis Orlando Del Campo, em Oakley Street, pois era uma releitura da arquitetura moura, algo totalmente inesperado, em especial nesta vizinhança exclusiva perto da represa. Em quase todos os lugares de Londres podia-se esperar ver releituras gregas, ou georgianas, italiana, francesa, suíça, bavianas, *ad infinitum* e, como era comum, lamentavelmente combinadas — mas quase nunca vemos arquitetura moura. A casa, construída com tijolos amarelos, absteve-se dos tons de ocre-avermelhado-oliva em favor de ornamentos de um vermelho intenso e telhado azul pavão. Vitrais da cor rubi e esmeralda brilhavam sob arcos pontudos, listrados de vermelho e branco. Padrões gigantes de azulejos com estampa xadrez enfeitavam as entradas, e as janelas panorâmicas, torres etc. não eram cobertas por telhas comuns, mas sim por cúpulas de bronze, como se fosse algo saído das *Mil e Uma Noites*. Ao chegar na porta da frente, e me deparar com uma aldrava que tinha o formato de um gênio sorrindo, preparei-me mentalmente para qualquer coisa que pudesse acontecer. Um mordomo de turbante, talvez?

Não. Uma empregada bastante comum, com um vestido florido, abriu a porta para me deixar entrar, estendendo a habitual bandeja de prata para o cartão do Dr. Ragostin, no qual escrevi meu novo apelido: Sra. John Jacobson.

— O senhor Sherlock Holmes também está presente? — perguntei à empregada.

— Ainda não, madame. Esperamos ele em breve.

Ah, Deus. Se Sherlock aparecer, precisarei planejar um modo de desaparecer.

A empregada levou o cartão para as damas de companhia. Não empregadas, note, nem mesmo acompanhantes, mas damas de companhia. Hummm. Isto pode ser interessante, refleti, enquanto esperava em uma fascinante entrada em forma de arco, toda esculpida com arabescos e com pequenos nichos como se fosse um favo de mel. Sequer exibiam os habituais Dresden, mas sim, uma coleção de vasos curiosos, de cerâmica ou bronze, no formato de vários animais concebíveis: elefantes, leões, cegonhas, galos de briga, golfinhos, crocodilos, gatos — não, percebi com certo choque que os gatos eram reais. Gatos domésticos com uma aparência oriental, finos, decorativos, recostados em objetos antigos ou andando com um equilíbrio despreocupado ao longo das curvas da madeira entalhada. O efeito era tão exótico que, no geral, quando a empregada reapareceu para me acompanhar até o segundo andar, eu meio que esperava ser conduzida a um harém.

O boudoir não me desapontou. Em suas paredes, acima dos painéis decorativos, sobressaíam azulejos coloridos e brilhantes em forma de estrela, habilmente encaixados uns nos outros. Em volta das abóbadas baixas do teto havia uma borda de cavalos gordos e estilizados pintados sobre elas; em uma parte da parede estavam penduradas diversas miniaturas persas emolduradas em marfim; sob meus pés se estendia o carpete turco mais exuberante e com as estampas mais bem elaboradas que eu já havia visto, e, juntando tudo, o efeito era gratificante e estrangeiro.

No entanto, as duas damas que me receberam eram, sem dúvida, com seus rostos retos, lábios finos e olhos claros, aristocratas britânicas, provavelmente as filhas mais novas de vice-reis ou barões. Uma das jovens me foi apresentada como Mary Hambleton, a outra como Mary Thoroughcumb. A primeira vestia cetim turquesa *merveilleux* com tons de cobre-dourado, e a segunda um pompadour cor de pêssego com tafetá revestido com musselina rosa, elaboradas o suficiente para fazerem com que me sentisse humilde com meu tecido simples com corte de princesa, porém de muito bom gosto. Tive que me perguntar: se era assim que as damas de companhia da duquesa se vestiam em casa, então em nome dos ricos o que usaria a própria Blancheffleur quando saía a passeio?

Guardei a pergunta para mais tarde, porém, enquanto as duas Marys se sentavam, e apontavam com indiferença uma terceira cadeira para mim. Apesar de seus trajes ricos, elas pareciam muito tristes, seus olhos estavam incha-

dos e vermelhos.

— Este é um momento terrivelmente angustiante para nós — disse a Mary de cetim turquesa quando o chá já havia sido servido, a empregada me serviu por último, e a postura das damas de companhia me permitia saber que estavam sendo excepcionalmente generosas em me receber.

— Nós já falamos com a polícia — acrescentou a Mary de tafetá ressentida. — O que é que o seu, ah, Doutor Ragostin deseja saber?

Fazendo minha parte da cena, abri uma pequena valise que havia levado comigo, tirei minhas luvas de verão de algodão chinês e as joguei ali dentro, retirei um bloco de anotações e me recostei com o lápis ereto.

— Ele pergunta, em primeiro lugar, que motivos levaram você e sua nobre senhora até Marylebone?

— Motivo dificilmente seria a palavra certa — respondeu rapidamente a de cetim turquesa.

— Nossa querida Blanchefleur não precisa de razão para ir onde deseje.

Nossa querida Blanchefleur? Não nossa querida senhora ou querida mestra? Pelo que parecia a duquesa tinha uma extraordinária familiaridade com suas damas de companhia.

— Vossa Graça era... quero dizer, ela é... — vacilante, a dama de companhia parecia não ser capaz de continuar — ... um espírito inquieto.

— Jovem — mencionou a outra Mary —, embora ela mal tenha passado dos vinte. E aventureira de um modo inofensivo, e sua vida protegida sempre pareceu terrivelmente vazia para ela, então se um capricho a pudesse fazer feliz...

Lágrimas surgiram em seus olhos quase fechados. As duas pareciam ser adoradoras sinceras de sua patroa, registrei mentalmente, com um algum grau de surpresa.

— Um capricho — estimei.

— Sim. Ela desejava explorar tudo, mas principalmente as partes indesejáveis da cidade. Em algum lugar ela escutou que os bairros eram separados pelo formato de suas lâmpadas de rua...

O que era verdade, e motivo de alguma fascinação de minha parte também, distinguir um absurdo ornamento de iluminação fixo de outro. Comecei a sentir uma certa afinidade pela jovem esposa de Duque Luis Orlando Del Campo.

— ...e ela gostava de olhar para eles; então na maioria dos dias pegávamos a carruagem para um lugar ou outro, e andávamos por ali.

— Bastante natural e interessante — assegurei a elas.

— E a saída de ontem as levou a Baker Street? E à estação do metrô?

— Sim, mas é claro que nenhuma de nós, em condições normais, entraríamos ali — por Deus não, jamais entraríamos onde pudessem ser atingidas pelo cheiro de fumaça de cigarro, cerveja ou arenques defumados.

— Estávamos apenas passando por ali, mas na entrada estava parada a mais patética e velha criatura...

— Choramingando e se lamentando de que era manca por causa da hidropisia, e que não conseguia controlar os passos e por isso ia perder o trem. Agora tenho certeza que ela era parte de um plano maldoso — interrompeu a irrepreensível cetim turquesa. — Mas é claro que na hora não suspeitamos de nada do tipo, e a querida *Blanchefleur*...

As duas, ao mesmo tempo, dirigiram os olhares para algum ponto atrás de mim, na direção de uma parede ao longe, tão explicitamente que, me virando, vi o que elas viam, um retrato de corpo inteiro perfeito de uma adorável jovem, seus belos cabelos, a cabeça frágil, e especialmente seus olhos sensíveis, cheios de compaixão, formando o mais extraordinário contraste com suas pesadas e valiosas roupas de veludo vermelho abundantemente adornada com ouro.

— Essa é ela? — exclamei involuntariamente, pois, depois de conhecer o duque, de alguma forma havia imaginado que sua esposa era exótica e tempestuosa como ele, mesmo sabendo que ela era a filha de um conde inglês com sua esposa francesa.

— Sim, essa é a nossa querida senhora, e esse retrato não lhe faz justiça — disse a de tafetá com o tom de voz bastante alterado, doce ao ponto da veneração. — Seu rosto é a face de um anjo e o coração é uma criança, melancólica e doce. Uma alma bondosa, gentil...

— Nunca houve — interrompeu a de cetim — um cordeiro mais paciente e santo...

E, para meu total embaraço, aquela arrogante mulher começou a chorar.

— Pronto, pronto, calma, calma — disse a outra para ela. — Como poderíamos saber? E como poderíamos ter prevenido isso?

E, virando-se para mim, ela explicou.

— Nos sentimos culpadas, mas tudo aconteceu tão rápido e naturalmente...

— Aquela velha sem dentes com pelos no queixo! — engasgou Cetim entre soluços.

— Gritou direto para nossa senhora — Tafetá continuou, tentando imitar o sotaque do Distrito Leste. — Ah, você, Santinha abençoada que pisa na terra, você ajudaria uma velha mulher manca, não ajudaria? Se eu descer as escadas, vou cair, isso vai acabar comigo, mas dá para ver por seu rostinho de anjo que...

— Chega — ordenou a outra com a voz estrangulada.

— De qualquer modo, não me lembro de mais nada — revidou a Mary de tafetá, pois naquele momento, minha cara, a impulsiva Blancheffleur já estava ajudando a velha mendiga a descer os degraus, e a perdemos de vista.

Embora as damas de companhia não digam, tenho certeza de que ficaram paradas na calçada, chocadas. Para ajudá-la a continuar, perguntei.

— Como era essa velha?

— Parecia um sapo com o chapéu de palha mais horrível que você possa imaginar — respondeu rapidamente a Cetim, se recuperando das lágrimas. — Eu disse à Mary, “Vá atrás de Blancheffleur, e eu fico aqui no caso de você não encontrá-la.”

Tenho certeza de que houve algum desacordo nesse ponto, também, o que não discutimos. Talvez alguns minutos tenham se passado antes que uma das damas de companhia se aventurasse a descer as escadas, enquanto a outra esperava lá em cima.

— E eu procurei e procurei, entre os vagabundos mais desprezíveis e miseráveis, para cima e para baixo, ao longo dos trilhos por toda a plataforma, mas ela simplesmente não estava lá. Olhei inclusive em um armário de vassouras embaixo da escada de metal...

— De minha parte posso jurar que ela nunca subiu aqueles degraus — adicionou rapidamente a outra. — Então, você deve tê-la perdido de algum modo.

— Mas procurei em todos os lugares!

— E a velha? — perguntei antes que pudessem começar a discutir.

— Desapareceu como se nunca houvesse existido! Sumiu completamente. Como nossa querida Blancheffleur.

Capítulo Quarto

Diante da preocupação das duas, parecia indelicado permanecer ali mais tempo. Colocando de lado minhas anotações, havia acabado de me levantar para sair quando meu ouvido captou o som de uma voz se erguendo com raiva no andar de baixo.

— ...manchetes em todos os jornais, Bela Jovem da Alta Sociedade é Sequestrada, Chocante Desaparecimento de Filha de Conte, Noiva de Nobre Espanhol Sequestrada...

Uma voz inconfundível.

Meu irmão Sherlock!

— ...mesmo assim você diz que não recebeu nada na correspondência da manhã?

A resposta, mesmo inaudível, evidentemente foi negativa.

— Meu medo é que toda essa balbúrdia da imprensa possa tê-los assustado! — Sherlock certamente soava ríspido. — E até que recebamos um pedido de resgate, há muito pouco a se fazer!

Fiquei surpresa ao ouvi-lo dizer isso, pois eu certamente haveria de pensar em algo para ser feito... mas até que ele deixasse a casa, precisava me manter escondida no quarto das senhoras.

— Ah, hum... — perguntei para as duas Marys de companhia. — Vocês poderiam me descrever os trajes de Vossa Graça nesse fatídico passeio, quando a viram pela última vez?

Elas ficaram felizes em fazer isso, e com detalhes consideráveis.

— Ah, ela vestia seu novo vestido de passeio vindo de Redfern, com a última moda em mangas de Paris!

— *Bouffant*, você sabe — explicou a outra Mary, de maneira condescendente, como se eu pudesse não ter me dado conta: como a parte traseira inflada estava sumindo dos trajes femininos, a mais nova e ridícula moda era deixar os ombros e membros superiores mais bufantes possíveis, pois parecia que sempre tinha que haver uma protuberância em algum lugar.

— De seda ondulada com todas as cores do pescoço de um pombo, com a frente plissada e um cinto largo com gotas brancas aplicadas com um verdadeiro e impressionante art nouveau...

Art nouveau? Talvez meu rosto tenha parecido vazio, pois ela gritou: Espere um momento; acho que tenho uma fotografia!

Observei enquanto as duas vasculhavam as gavetas cheias de roupas de baixo estranhas. Um dos lencinhos de uma enorme pilha apertada em uma das gavetas caiu no carpete; eu o peguei, admirando luxuosas rendas venezianas bordejando-o e seu cuidadoso monograma vermelho bordado com detalhes dourados: DDC.

— Duquesa Del Campo? — adivinhei, entregando o lencinho à Mary de tafetá.

— Certamente. Onde está aquela fotografia? — reclamou Cetim.

Como por sorte aconteceu de eu estar em pé enquanto elas procuravam, tomei a liberdade de andar vagarosamente pelo quarto, observando seus muitos objetos luxuosos: um xaxim estranho, prateleiras de livros cheias e bem arrumadas, protegidas por portas de vidros, enormes vasos exóticos exibindo penas de pavão como se fossem flores, a mais delicada escrivadinha de jacarandá embutida... E, sobre a escrivadinha, uma carta pela metade, escrita com tinta azul em papel de excelente qualidade exibindo o monograma DDC. Esta carta me interessou muito, embora eu tomasse o cuidado para aparentar que vagava sem propósito, enquanto seguia naquela direção. Posso deduzir muito sobre uma pessoa pela sua caligrafia, e a de Blanche fleur parecia extraordinária por sua modéstia, sem floreios, cada letra simples e cuidadosamente traçada; na verdade, somente seu formato pequeno a salvava de se parecer com a caligrafia de uma criança.

O conteúdo da carta também era fora do comum. Talvez eu deva explicar que sou capaz de ler e entender completamente uma página com apenas uma olhada rápida, talvez porque quando era criança prometi que leria a *Enciclopédia Britânica* inteira, e, então, fiquei experiente em ler bem rápido. Embora,

talvez, não tenha captado palavra por palavra, podia-se ler o seguinte na carta:

Querida Mãe,

Espero que esta carta lhe encontre bem, e ao querido Papai também, e espero que ele não esteja sofrendo muito do reumatismo no clima quente de verão. Obrigado por enviar sua receita de enguia ao molho de menta com essência de vegetais; eu a expliquei com detalhes para a cozinheira, e certamente vamos experimentá-la em breve.

Minha maior, na verdade minha única novidade, é meu novo vestido de Redfern, que meu doce marido, encorajado por Mary T. e Mary H. comprou para mim; ele é adorável, é claro, e você deve ouvir muito sobre ele daqui uma página ou duas, eu prometo — mas Mamãe, já vesti Paris inteira e sem seguida será Worth², e você, mais do que todos, sabe como me sinto mal a respeito de toda essa extravagância. Quais coisas boas ou úteis eu já fiz durante toda minha vida para que mereça ser rica? Sei que Papai me diria que somos ricos porque Deus quis que fôssemos desse jeito, e que os pobres são pobres pela mesma razão ou porque são preguiçosos, mas eu simplesmente não posso aceitar isso.

Vejo os pobres nas ruas — aqui em Londres não se pode sair porta afora sem encontrar mendigos cegos, soldados aleijados, mulheres de cabelos frisados vendendo ramalhetes ou botões de flores, crianças ciganas com roupas esfarrapadas — sinto tanta pena. Eu lhes dou moedas, e minhas damas me censuram, embora elas sejam boas o suficiente para não contarem ao meu marido — meu querido Luis —, você sabe como ele reage de forma extravagante a cada coisinha, ou rosnando como um dragão ou me dando beijos tão altos que me deixam embaraçada. Achei que seus ardores diminuiriam ao longo dos anos, mas não foi assim, por isso não me sinto merecedora de ser sua esposa, e sem filho como permanecemos. É claro que uma pessoa não pode se desesperar nem ser ingrata, mas como um vestido Redfern pode curar casos que estão além da minha compreensão. Perdoe-me se pareço ingrata. Eu mal sei como expressar a confusão de minhas emoções.

Realmente ela não sabia como expressar o que sentia, pois a carta parava aqui, para ser completada mais tarde. E, de modo similar eu mal sabia como me sentir, pois esperava que Blanche fleur fosse uma aristocrata mimada e insignificante, mesmo que, obviamente, ela demonstrasse alguma consciência,

me fazendo imaginar se, caso eu a conhecesse, iria gostar dela.

— Ah! Aqui está! — gritou a Mary Cetim.

Me apressei para ver, e ela me entregou um álbum de casamento bem grande, que abri.

Capítulo Quinto

O rosto esbelto da duquesa parecia perdido e abandonado entre a glória de seus belos cabelos castanhos dourados e seu preocupantemente elaborado vestido. Seus olhos tristes encontraram o meu sobre o mais exagerado colarinho de seda franzida que se possa imaginar, com um pequeno laço na lateral em vez de na frente, e outro laço combinando ao lado oposto do — meu bom Deus, que cinto mais cruel. Admirada, falei sem pensar:

— Acredito que Vossa Graça tem a menor cintura que eu já vi.

— É possível! — respondeu Tafetá com orgulho. — Desde a infância que a querida Blanche fleur usa um corpete com aros de metal.

Deus! Um corpete que se estende desde os membros superiores até os inferiores, com aros de aço sólido para minimizar qualquer protuberância frontal abaixo do busto. E desde a infância! Eu não era capaz de imaginar seu sofrimento. Eu também usava um corpete, necessariamente, apenas para esconder itens importantes como minha adaga, mas nunca o apertei, e mesmo assim, mal podia esperar para arrancar aquela coisa horrível no final do dia...

— E ela o usava até quando estava dormindo.

A duquesa ficava de corpete até para dormir? Tal martírio para conseguir uma cintura minúscula era esperado das damas da nobreza, mas apesar disso, isso era... era horrível.

— Com exceção, é claro, de seus confinamentos.

Confinamentos?

— Ela teve, hum...

— Infelizmente, as duas terminaram em aborto espontâneo.

Bem, não é de se surpreender!

— Tão decepcionante, e tão doloroso quanto um parto, além de muito perigoso para a saúde de minha senhora.

De fato. Deus do céu, a duquesa, mutilada pelo uso excessivo do corpete, poderia muito bem ter morrido. Eu não conseguia imaginá-la tendo um filho, o que parecia ser esperado dela.

— Acaba de me ocorrer — disse a Mary-de-cetim, pegando a fotografia de volta — que o senhor Sherlock Holmes deva ver isso. Acho que o ouvi no andar de baixo um segundo atrás.

Ah, não. Fingindo não prestar atenção no que ela disse, balbuciei:

— Vossa Graça usava luvas, é claro?

— Ah, sim, uma branca.

— E em seu traje, o que Vossa Graça levava? — Pois uma dama a passeio sempre leva algo, algum tipo de bolsa, aquecedor de mão, leque, ou....

— Uma sombrinha branca com babados de seda ondulada para combinar com o vestido — respondeu Tafetá. — E, na outra mão, um lençinho.

Isso me surpreendeu um pouco. Em geral, lençinhos são carregados por jovens mulheres que não são casadas, seguradas pelo centro, deixando os cantos se expandirem como um leque, pronto para ser derrubado caso um homem desejável se aproxime.

— Blanche fleur precisava dele — emendou Cetim em resposta a minha pergunta não verbalizada. — Para que pudesse ocasionalmente aplicá-lo a seu nariz, já que ela tinha um caso leve de asma. Tem, quero dizer.

Seu tom havia se tornado bastante rígido; ela havia se chateado consigo mesma e se ofendido comigo.

— Eu lhe acompanho até a saída.

Com isto, abruptamente, a entrevista terminou. Mas por que ela não chamou uma das empregadas para me tirar dali?

— Venha comigo — ela saiu rapidamente pela porta do quarto com o álbum de fotografias ainda embaixo do braço.

Ah, minha falta de sorte, ela desejava mostrar a maldita coisa ao senhor Sherlock Holmes. Pessoalmente. Na verdade, ela mal podia esperar.

Oh Deus, o que posso fazer? Enquanto seguia a arrogante dama de companhia através da escadaria, minha mente se debatia como um rato em uma armadilha, pois as consequências seriam muito mais sérias se Sherlock me visse. Mesmo que eu tentasse me assegurar de que ele não iria me reconhecer em

meu vestido e chapéu elegante e feminino, mesmo assim, ele poderia perguntar quem eu era, e se lhe fosse dito que era a assistente do Dr. Ragostin — não, isso não funcionaria. Eu simplesmente não podia permitir tal situação; ele tinha de permanecer sem saber de minha existência, e...

E quando chegamos à curva da escadaria, vi com o coração afundado que ali, no meio da entrada arqueada, estava a inconfundível e alta figura de meu irmão, se despedindo do Duque Luis Orlando Del Campo em pessoa, e não menos.

— ...espero que você seja capaz de lançar alguma luz nas terríveis trevas que se abateram sobre minha família...

Sherlock ouvia, segurando as mãos nas costas e com a cabeça inclinada, deixando aparentar grande atenção e simpatia, embora ele, sem dúvida, desejasse pegar logo seu chapéu, luvas e bengala da mesinha do hall de entrada e seguir seu caminho...

A fina mesa do hall, ou porta-chapéus, ficava perto do final da escada e oposta à porta.

Quase antes que minha mente houvesse agido, meus olhos haviam visto, e minhas mãos agarrado, o que eu precisava. Dois ou três gatos estavam perambulando para cima e para baixo do balaústre do corrimão. O maior era um espécime flexível da cor de um leão, e eu o peguei passando a mão por sob sua barriga, carregando embaixo do meu braço e deixando minha valise balançando sob dois dedos, enquanto acariciava sua cabeça astuta com minha outra mão para que ele não fizesse nenhum ruído... ainda.

A Mary Cetim, farfalhando seu vestido à minha frente à grande velocidade, atenta a Sherlock Holmes, não viu nada disso: nem ela e nem ninguém me viu atirando o gato para o ar enquanto chegávamos ao térreo.

Embora a gentileza com os animais seja uma regra, devo admitir que levantei o pobre bichano rapidamente pela cauda de modo a induzir o máximo de indignação de sua parte enquanto eu o balançava e o atirava (com, ousou dizer sobre mim mesma, admirável precisão) sobre o porta-chapéus.

O desvio de atenção que se sucedeu foi além de minhas esperanças mais loucas. O infeliz felino não apenas guinchou como uma pessoa que recebeu o coice de uma vaca, mas, ao aterrissar, estirou as garras que arranharam a madeira encerada, e jogou a cartola, luvas e a bengala de meu irmão no chão, e a mesa caiu por cima de tudo.

Ou, pelo menos, ouvi o barulho de algo tombando enquanto todos viravam de costas para mim e eu deslizava porta afora. Escutei alguém, provavelmente o duque, rugindo:

— Felinos abomináveis! — e algo sobre como eles estavam sempre quebrando coisas, mas não pude registrar mais. A minha falta de sorte é que nunca consigo aproveitar completamente cenas como a descrita anteriormente, já que em geral estou fugindo enquanto elas ocorrem.

Mas não se deve reclamar. Uma vez longe da casa, e além da primeira esquina, me senti confortavelmente segura de que nem meu irmão nem ninguém em particular se lembrariam de mim.

A respeito do destino da jovem duquesa, entretanto, não me sentia tão confortável, sabendo que ela havia desaparecido nos subterrâneos.

Muito poucas pessoas da classe alta, e de fato até da classe média, percebem que, na realidade, Londres se estende em duas cidades, a acima e a abaixo. Antigamente, havia muitos rios que desaguavam no Thames. Eles foram cobertos à medida que a cidade crescia, e serviram de esgoto até a grande epidemia de cólera; depois disso um novo sistema de esgoto foi construído para levar os dejetos até o alto mar. Mas, mesmo assim, os velhos rios permaneceram. E então os trilhos do metrô foram colocados sobre eles!

E para tudo isso precisava-se de túneis e trabalhadores, também. A maravilha era que a cidade se mantinha sobre um queijo suíço de minas e túneis. Certamente, em tal confusão, deve haver passagens que os vilões poderiam usar para sequestrar uma dama abastada em troca de um resgate?

Eu precisava investigar a estação de metrô de Baker Street.

Capítulo Sexto

E peguei o metrô até lá, é claro. Então, enquanto o grande detetive talvez ainda estivesse na porta da frente da casa estilo mouro do duque chamando um táxi, eu já estava na estação de Baker Street, onde deixei minha valise sob os cuidados do chefe da estação até que pudesse voltar e pegá-la.

Uma das estações mais antigas com apenas uma escadaria, o metrô da Baker Street consistia principalmente em metal e névoa de fuligem e a cintilação das nuvens de gás nas vigas de sua abóboda o deixava incapaz de dispersar a escuridão. Assim como as altas vigas de ferro, tudo mais era feito de metal trabalhado — os trilhos, as escadas, inclusive as paredes do cubículo do chefe da estação — pensado para, ao que parece, não haver lugar para nenhum vilão se esconder. Entretanto, pessoas repulsivas vagavam pela plataforma, e ali havia sombras o bastante, e também — o mais perturbador — o forte barulho das rodas de madeira e metal passando pelas pedras da Dorset Squase lá em cima, o que, combinado com o ruído do casco dos cavalos, fazia da estação um tambor trovejante, dentro do qual eu me encontrava.

Como sempre, ao entrar em uma estação de metrô, passei rapidamente pela plataforma, atenta às minhas próprias preocupações, subi imediatamente em meu trem e parti, resistindo à comoção e aos odores acres pelo mais breve período de tempo possível.

Mas agora, mesmo sem o rugido da locomotiva, tudo ao meu redor parecia ecoar, reverberar, e com um clamor aterrorizante percebi que nenhum grito de ajuda poderia ser ouvido. De fato, uma mulher pode ser assassinada nas sombras desse lugar e ninguém saberia. Em especial se todos os cidadãos decentes estivessem concentrados em pegar o trem.

Ou — e isso seria mais friamente plausível — uma mulher poderia ser, de alguma forma, levada, atraída ou forçada por um brutamontes ou dois, para fora de vista, seguindo os trilhos em qualquer direção.

Uma vez que foi relatado que a Duquesa Blancheffleur Del Campo não subiu novamente as escadas, e nem entrou em nenhum trem, e sequer, graças a Deus, seu corpo foi encontrado — bem, então a única maneira de ela ter saído da estação deveria ter sido pelos trilhos.

Mesmo assim — isso pode ser feito? Se um trem estiver chegando, uma pessoa não seria esmagada contra as paredes do túnel?

Me senti claramente assustada por meus próprios pensamentos. Esta masmorra metropolitana moderna não era apenas sufocantemente densa e sombria, mas também úmida e cheia de goteiras. O túnel era ainda mais escuro, e eu não tinha lanterna. Ainda assim, deve ser essa a maneira pela qual ela sumiu... amaldiçoando minha própria ousadia, que um dia poderá causar minha morte. Quando era criança, sempre fui do tipo que gostava de atravessar um rio, mas não andando sobre a ponte, e sim me equilibrando em cima da balastrada.

Revirando os olhos para mim mesma, sabia o que tinha de fazer.

Direita ou esquerda? Escolhendo uma direção ao acaso, segui a passos largos para o final da plataforma, que ficava a cerca de um metro e oitenta acima dos trilhos. Mas, depois de olhar ao redor para me assegurar de que não havia ninguém olhando, eu me lancei delicadamente para baixo e comecei minha jornada na direção que pensava ser noroeste, tateando a parede à minha esquerda enquanto meus olhos se acostumavam com a escuridão. Ratos fugiam, guinchando; por isso eu já esperava, junto com as baratas, a imundície, o fedor e a umidade pingando das rachaduras no teto e nas paredes.

O que eu não esperava era encontrar um maltrapilho fuçando no lixo.

Tal era a escuridão que eu já estava quase sobre ele quando o notei, pois sua imundície se misturava com a sujeira ao redor. E não tive tempo de preparar um cumprimento, monetário ou de outro tipo, pois ele me notou ao mesmo tempo, e se virou para mim com um urro de raiva.

— Que cê tá fazendo aqui? — Um boa pergunta, considerando que damas limpas e engomadas geralmente não perambulam pelos trilhos. A roupa apropriada é tão importante para as classes baixas quanto para as mais altas.

— Esse lugar não é pra gente do seu tipo! Isso tá errado, entendeu?

E já retrocedendo, pude ver: ele era um *tosher*, o mais baixo entre os baixos nos “valores dos pobres.” Eu já os havia visto emergindo dos esgotos, cheirando criaturas do submundo, peixe podre, lixo, sobras e lama de todos os tipos, tudo isso apenas para encontrar coisas como madeira, metal, moedas ou ocasionalmente, eureka! Um corpo que poderá ser despojado de seu dinheiro e roupas, pois o tipo de pessoa que gosta de cometer assassinatos também conhecia os subterrâneos de Londres.

— Você fique longe daqui! — ele berrou atrás de mim, como se também pensasse em cometer um homicídio.

Sem nenhum motivo para pensar que poderia estar escondendo a sra. Blanche fleur atrás de sua sujeira, eu docemente me obriguei a desaparecer pelos trilhos abaixo, voltando para a plataforma da Baker Street. Ali, respirei fundo, considerando um assalto à direção oposta, para o sul e ao leste, só se pode tentar, os fracos de coração nunca ganham as belas damas etc. — mas o bom-senso prevaleceu. Eu havia descoberto o que precisava saber, ou seja, aquelas pessoas sobreviviam nos túneis sem serem esmagadas pelos trens, como ficou evidente pela presença do *tosher*. Eu precisava de uma roupa surrada, uma lanterna, uma grande bengala ou vara, e uma atitude mais simplória antes de tentar novamente explorar estas passagens subterrâneas na esperança de supor para onde a duquesa poderia ter sido levada. Com o coração ainda acelerado pelo encontro com o hostil trasgo dos trilhos, peguei a valise que estava com o chefe da estação, e então fugi escadaria acima, feliz em alcançar a luz e o ar (comparativamente falando) da Dorsett Square, no meio da qual passava a Baker Street.

Carrinhos de cerveja e de pão, aguadeiros, carroças, carruagens e seges passando constantemente, obrigadas a um cortejo vagaroso; um ônibus passou com sua eventual propaganda de “Chocolate ao leite”.

Muitas e variadas pessoas também atravessavam o pavimento da praça: um peixeiro com uma cesta de julianas na cabeça; um colador de cartazes com seu pincel comprido, balde de cola e um rolo de anúncios sob o braço; um vendedor de bolo de gengibre; damas passeando, homens de negócios de cartola; crianças rindo (incluindo algumas garotas já bem crescidas!) e se balançando em uma corda que amarraram no topo de um poste; e um vendedor de sorvete, que armara sua mesinha de dobrar no meio de tudo, gritando:

— Sorvetinho, só um centavinho! Ele vai te fazer dar um pulinho!

Ah! O *tosher* já me fez pular o suficiente por hoje. Mesmo assim eu quis, na verdade considereei que merecia, um pouco de sorvete e segui naquela direção — mas, subitamente, entrou em meu caminho uma velha cigana quase tão alta quanto eu.

Que irritante! As ciganas da cidade eram como mendigas, adulando em troca de centavos, enquanto em seus braços e ouvidos e ao redor de seu pescoço, sobre suas blusas coloridas de corte baixo, usam uma fortuna em ouro, contas de ouro sólido e correntes e pulseiras, todos os seus bens mundanos de uma só vez em seus corpos, brilhando contra suas peles morenas e ásperas. E por todo seu vestuário espalhafatoso há pequenos amuletos de latão e cobre costurados que balançam e reluzem, talismãs “mágicos”, entalhados com figuras de pássaros, cobras, flechas, estrelas, raios de sol, luas crescentes e grandes olhos fixos em você. Acho que é por causa da forte superstição que eles carregam, sobre o “olho do mal”, a maldição cigana, que ninguém tenta roubar o ouro deles.

A cigana estava vestida como as outras. Mas em vez dos habituais elogios pedintes...

— Criança — ela se dirigiu a mim com a voz profunda, áspera. — Vejo uma adaga viajando em seu busto e um corvo em seu ombro.

Ela me espantou tanto que parei na hora, pois havia, como sempre, uma adaga embainhada em meu corpete, e não tinha como ela saber disso. Sem palavras, olhei fixamente para ela, parada ali, totalmente ereta como uma flecha e forte como uma lança, ainda que com seu rosto magro, seu cabelo cinzento longo e grosso, como a crina de um cavalo, descendo por seus ombros.

Apenas mais tarde, refletindo, tive dúvidas se havia falado da adaga como uma qualidade intangível, como o corvo, sinistro ainda que inteligente. Sem dúvida, não havia nenhum corvo montado em meu ombro.

Com mesmo o modo tranquilo e baixo, ela disse:

— Você está em perigo, encoberta pelas sombras, minha criança.

E era verdade, mas não havia jeito de ela saber disso, e nem havia razões para me chamar de criança quando estava vestida como uma mulher adulta.

Minha surpresa deu vez à irritação.

— Pelo que sei, você é o perigo. O que você quer?

— Quero ver a palma da sua mão, criança.

— E você quer que eu encha a sua de prata, ousou dizer.

— Não. Não me dê nada. É apenas que... que... alguma coisa em você... eu reconheço.

Simultaneamente, por mais esquisito que pareça, reconheci algo nela. Ou melhor, algo que ela usava. Entre os muitos amuletos circulares pendurados por toda sua roupa, um se destacou, pois não era trabalhado em cobre ou latão, mas de madeira, um pequeno círculo de madeira, e não era moldado, mas pintado com um desenho amarelo. Ao olhar casual de um estranho se parecia com os raios de sol, mas, para mim, era um inconfundível botão de crisântemo.

Reconheci as pinceladas do mesmo modo que alguém conhece a própria caligrafia, sem raciocinar.

Instantaneamente, confesso, esqueci todos os pensamentos sobre a infeliz duquesa, e esqueci também de meus modos. Sem uma palavra de explicação, dei o bote e agarrei seu talismã... a cigana o usava na gola de sua blusa, parcialmente escondido pelo cabelo e pelas muitas correntes de ouro... e mesmo que eu tenha colocado as mãos sobre ela sem pedir licença, ela não se esforçou em me evitar, apenas ficou parada como um poste.

A argola de madeira — que parecia ser uma parte serrada de um galho ou do tronco de uma muda — havia sido costurada ao tecido por um único furo feito no topo.

Com os dedos tremendo eu o virei para ver a parte de trás.

E ali, sim, os velhos hábitos perseveraram — ali eu vi as letras pintadas, as iniciais, como uma assinatura, E.V.H., com um tipo de letra tremida que eu reconheceria em qualquer lugar.

Eudoria Vernet Holmes.

Minha mãe.

Capítulo Sétimo

Embascada e quase sem palavras, sussurrei:

— Minha mãe pintou isso.

Embora não tenha falado tanto para ela quanto para as esferas celestiais e para o firmamento, a cigana engasgou, tão espantada quanto ela havia me espantado no começo.

— Sua mãe?

Sua voz me fez voltar para a aparência de um comportamento civilizado. Soltei o amuleto de madeira e a olhei direto nos olhos, que brilhavam em um tom quase âmbar, como o olho de um gato.

— Sim, minha mãe pintou isso. Não posso estar enganada — e porque, afinal de contas, eu devia estar surpresa se sabia muito bem que no último ano minha mãe esteve viajando com os ciganos, minha mãe que não sabia como viver sem o pincel na mão?

Mas a alta cigana reagiu com reverência como se a rua barulhenta fosse uma calma catedral. Colocando um lenço brilhante em volta dos cabelos, ela, então, colocou as mãos com as palmas para cima, abaixou a cabeça para mim e disse:

— Abençoada sejas tu, filha de Mary das Flores.

Essa veneração, a qual eu não estava nem um pouco acostumada, me aturdiu de tal maneira que, a princípio, não falei nada.

— Obrigado — disse finalmente. — Mas o nome da minha mãe não é Mary.

— Ela é Mary para nós, é a mesma — a forte senhora ergueu os olhos, para fixá-los em mim com o olhar de uma profetiza e disse baixo e calmamente

com sua voz áspera:

— Há muito tempo houve Maria de Magdala, Mary de Betânia, Black Mary e Maria de Nazareth, que deu à luz ainda virgem. Em nossas caravanas, carregamos imagens delas. Mas, agora, chega uma mulher que não fala nossa língua e ainda sim viaja conosco, e que nos salvou diversas vezes da ira da polícia e dos guarda-caças, que deixou as velhas imagens parecendo novas, que pintou para nós flores para alegria, flores para tristeza, flores para sorte, e, por isso, vamos onde desejamos e comemos os peixes gordos e a reverenciamos e a chamamos de nossa Mary das Flores.

— Ela é minha mãe — repeti. — E gostaria de encontrá-la, por favor. Onde ela está?

— Onde ela está? Onde está a flecha lançada ao céu? Onde está o tesouro enterrado? Onde está a coruja que voou para dentro da noite sem luz? Onde estão os ciganos, criança. Nos encontramos, nos cumprimentamos, partimos novamente, para onde o vento nos soprar.

Ela disse essas coisas não como se brincasse com minha pergunta, mas como se fosse uma litania. Mesmo assim senti uma certa evasão. Algo que ela não estava me contando.

Tentei novamente.

— Com qual caravana ela está viajando?

— Com a caravana dos mais belos cavalos, criança, negros estrelados de branco. Posso ver sua mão agora? Diversas vezes segurei as mãos de sua mãe, estudei as linhas de sua palma e lhe contei sua sorte sem nenhuma razão a não ser de reverenciá-la. Não haverá mão esperando se encher de prata. Posso ler sua mão?

Que o gentil leitor fique certo de que não levo a quiromancia mais a sério do que o ato de fazer desejos ao soprar as velas de aniversário. Eu havia sido criada em uma família esclarecida, meu pai era um teórico da lógica, minha mãe uma sufragista, todos nós livres pensadores que desdenhavam da superstição e observávamos a leitura da sorte como uma simples brincadeira de salão.

Apesar disso não vi o que ganharia em recusar à cigana seu desejo, apesar de que algo pudesse surgir se eu falasse com ela por mais tempo.

Ali estávamos, paradas na rua movimentada, e sem prestar atenção nos cavalos, veículos ou passantes, a cigana agarrou minhas duas mãos sem luvas

com uma gentileza surpreendente com seus dedos secos, ásperos. Ela olhou primeiro para a parte de trás das minhas mãos, e então as virou, e analisou as palmas, espremendo minha mão esquerda com um estranho e infeliz afeto.

— Poderia muito bem ser a da sua mãe — ela observou. — Exceto que há uma longa profunda, e menos dividida, linha do coração.

Ela soltou minha mão esquerda.

— Este lado pertence ao passado e à família. E é a mão direita que mostra a verdade sobre alguém, tanto o destino quanto as ações.

— Mesmo que esse alguém seja canhoto? — Como meus pais, eu questionava tudo, mas também me lembrei de Cecily, a senhorita canhota que se tornou uma escrava das expectativas da sociedade quando foi forçada a usar sua mão direita.

Por um momento, a cigana sorriu.

— Tal questão só poderia vir da filha de sua mãe. Você é canhota?

— Não.

— Então, por que pergunta? Silêncio, criança, e me deixe ver...

Ela estudou a palma da minha mão com tal intensidade que o tempo pareceu recuar junto com o clamor da cidade e o tráfego que passava pela praça. Quando começou a traçar as linhas de minha palma com um toque leve, como uma pena de seu dedo, senti seu toque reverberar através de mim até meu âmagô. Fiquei ali sem me mover porque escolhi fazer isso, mas também como se estivesse em transe.

Ela disse nos tons rítmicos de um hipnotizador:

— Sua linha do destino começa com uma estrela em Saturno e percorre com força a sua linha da vida. O anel de casada na sua mão esquerda conta uma mentira. Na verdade, você é sozinha, você foi sozinha por toda sua infância, e está fadada a ser sozinha por toda a vida a não ser que aja para desafiar seu destino.

Senti a verdade das palavras me atingindo com força, como um tijolo em meu peito, mesmo assim apenas concordei.

— O que mais?

— Sua linha do coração, novamente nesta mão, longa e forte. Você tem uma natureza profundamente amorosa, mas apesar disso não tem um amor. Você canaliza esse problema amando a humanidade. Você tenta ajudar, servir, fazer o bem do modo que puder.

Seu jeito era tão simples que não era necessário corar; novamente apenas concordei.

Ela continuou.

— Sua mão é fina e sensível, de natureza artística, e sua linha do sol mostra grande inteligência e intuição. Ela começa com uma estrela em Apolo. Uma estrela em uma mão é raro. Duas estrelas... nunca vi isso antes, nem mesmo na palma de sua mãe.

Instantaneamente tive só um pensamento.

— Onde está minha mãe?

— Sua mão não pode me dizer isso.

— Mas você pode?

— Posso falar apenas pela Mary de Magdala, a Mary de Betânia, a Black Mary. Sua mãe está onde sua mãe foi destinada a estar. Você, Enola, deve tomar cuidado ao segui-la. Siga suas próprias estrelas. Isso é tudo que tenho a dizer para você. Agora me vou.

E ali fiquei parada por um momento, como uma estátua, com minha mão direita estendida até que pisquei como se estivesse despertando e olhei ao meu redor. Eu não havia dito à cigana o meu nome. Como ela sabia meu nome?

Onde ela estava?

Vasculhei Dorsett Square, e embora meu olhar, mais uma vez, tenha encontrado o sorveteiro (com pouco pensamento no sorvete dessa vez), as garotas se balançando no poste, e todo o resto, não consegui ver a cigana alta em lugar nenhum. Para onde ela tinha ido? Seu desaparecimento pareceu quase sobrenatural.

Besteira, pensei comigo mesma. Ela deve ter se escondido no banheiro público, pois em Dorsett Square havia um dos monumentos à higiene de Londres, apresentando colunas de ferro, figuras gregas esculpidas e uma torre com relógio. Ou ela pode ter ido para o metrô. Ou pode inclusive ter entrado em um táxi, pois bem na frente da estação de metrô havia um ponto de táxi, é claro. Mas essa rota de escape parecia a menos provável. Por causa do bom tempo do verão, os lindos táxis de capota aberta eram abundantes e os “rosnantes” de quatro rodas, o tipo em que se pode esconder, estava em falta.

Se esconder, entretanto, era o que eu mais queria, quando subitamente percebi como meu vestido e minha pessoa estavam sujos e manchados pela minha aventura no túnel, e ainda piores estavam meus pensamentos e emo-

ções. Voltei apressada para o metrô pouco iluminado, peguei o primeiro trem e, por uma tortuosa rota, fiz meu caminho até o Clube das Mulheres Profissionais. Eu precisava me acalmar e pensar.

Capítulo Oitavo

Meu quarto, assim como os outros poucos e exclusivos no terceiro andar desse santuário, era bastante espartano em sua mobília; esta era, afinal, um refúgio para mulheres intelectuais interessadas na reforma das vestimentas e outras liberdades, e que provavelmente não se importam se as mesas estão com toalhas ou se há babados na cama. Mas a comida, como havia dito, era excelente.

Pedi que um prato de sanduíches fosse trazido ao meu quarto, e então, uma vez banhada, me sentei com meu roupão, devorando o patê de atum, pepino e agrião, tentando confortar tanto o corpo quanto a mente. Me lembrei que aquela não havia sido a primeira vez havia encontrado alguém que conhecia minha mãe. Eu havia ouvido suas contemporâneas sufragistas falando sobre ela da primeira vez em que visitei o clube. Não conseguia entender por que meu encontro com a cigana havia me deixado tão desorientada, e como é meu costume quando este é o caso, me volvei para o papel e o lápis.

Rapidamente desenhei figura após figura. Desenhei o rosto da cigana; a intensidade de seu olhar felino quase me assustando. Desenhei um corvo voando, certamente não pousado em meu ombro; nos tempos antigos, corvos falantes acompanhavam os profetas, mas também os pássaros negros concentravam-se nos campos de batalha, esperando para se alimentar da morte. Desenhei o *tosher* destemperado no túnel do metrô, caricaturando seu nariz em forma de morango e suas orelhas de couve-flor como forma de vingança pelo susto que ele havia me dado. Tentei desenhar a cigana novamente, mas ela acabou se tornando minha mãe; isso foi o mais desconcertante, já que em geral não consigo trazer os traços de minha mãe claramente à minha memória;

vê-los emergir fez minha cabeça doer. Virando aquele desenho com a frente para baixo, tentei fazer outro, desenhando uma delicada e adorável senhora, com cabelo exuberante e esbelta, e com os mais estranhos e sensíveis olhos. Ela acalmou meus sentimentos, pois eu a estava desenhando mais uma vez, de um ângulo diferente, antes que eu me desse conta de que ela era Blanchefleur, Duquesa Del Campo.

Ah, pelo amor de Deus, ali estava eu sentada — desenhando cavalinhos em seguida — comendo sanduíches de patê de atum quando deveria estar tentando descobrir o que aconteceu com ela!

Deixando todos os outros pensamentos de lado, junto com meus desenhos, me pus a trabalhar, tentando raciocinar, no papel, o que deveria ter acontecido com a Sra. Blanchefleur.

Ou ela desapareceu por vontade própria ou deu de cara com um acidente ou com algum tipo de crime.

Se foi por sua própria vontade, como se escondeu das damas de companhia que a procuravam?

Descendo os trilhos? Muito improvável, mas deve ser investigado.

Devo descobrir qual é o passado da senhora — infelicidade? A carta que escrevera à mão não era muito alegre.

Se acidente ou crime?

Acidente: ela caiu em algum bueiro, indo parar no esgoto, quebrou uma perna e por isso não pode subir de volta, e ninguém conseguiu ouvir seus gritos.

Inacreditavelmente melodramático.

Crime: Ela foi levada à força.

Por resgate... mas nenhum pedido foi recebido.

Por algum outro propósito?

Vingança? Quem era seu inimigo?

Novamente, perguntar sobre o passado da senhora..

Talvez toda a história do metrô seja uma ficção planejada pelas damas de companhia?

Mas certamente a emoção que observei vindo delas era genuína. Não acreditei nessa última frase nem por um momento, e nenhuma das minhas outras anotações me fizeram ter nenhuma inspiração também.

Em tais casos é preciso parar de pensar por uma hora ou duas, deixando a

mente sossegada para fazer seu trabalho. Mas como me distrair nesse meio tempo?

Visitando a Sra. Tupper, é claro! Já havia se passado muitos dias, minha ex-senhoria surda ficaria encantada em me ver, e um passeio sempre é uma boa distração. Na mesma hora me levantei e me arrumei.

A Sra. Tupper, devo explicar, era agora uma convidada-residente na impressionantemente populosa casa de Florence Nightingale. Infelizmente, meu irmão Sherlock sabia disso, sem dúvida deduzia que eu a visitaria, e acredito que mantinha vigilância a minha espera.

Os meninos de rua que constantemente notava perambulando por ali podiam muito bem ser parte dos “Irregulares de Baker Street.” Entretanto, ele haveria me descrito para eles como uma solteirona ou estudiosa de terno de lã ou outra roupa simples e escura, com cabelo cor de lama preso atrás da cabeça em um coque e um nariz alarmante disfarçado por pequenos óculos.

Sendo esse o caso, sempre que visitava a sra. Tupper, em nome da minha própria segurança, ia como uma perfeita e adorável Dama.

Pouparei o gentil leitor dos rigores dos emolientes faciais e pinturas necessárias para efetuar tal transformação, com exceção em mencionar que, como sempre, fixei uma pequena marca de nascença à minha têmpora para tirar a atenção do centro do meu rosto, ou seja, de minha tromba, a proeminência que em seguida seria diminuída por minha cheia e luxuosa (e bem cara), peruca cor de nozes.

Mas não posso negar a mim própria uma descrição do vestido de visita vespertino que usei naquele dia, um celestial artigo de vestuário azul celeste pontilhado sobre uma saia azul-escura, com um cinto branco de cetim bem largo, um corpete azul com adornos brancos, um delicado chapéu azul com fitas e margaridas e uma sombrinha branca e azul pontilhado. De luvas castanho-amareladas e polainas, eu parecia, se me permite falar assim de mim, um sonho.

De fato, tomei um lindo táxi até Mayfair para que eu pudesse aproveitar, embora fingisse não notar, os olhares admirados da população. Nunca uma bela dama sentiu menos intuição sobre uma ameaça iminente.

Descendo de meu táxi na frente da bela casa de tijolos de Florence Nightingale, me virei para pagar o condutor...

Ao meu lado, e se aproximando, ouvi o mais surpreendente, quase huma-

no, grito de alegria. No momento seguinte, pés peludos quase me derrubaram! Quando me virei para ver o que havia saltado em cima de mim, o tempo me pregou a mais estranha peça, como um acordeão com todo o ar esvaziado; eu podia muito bem ter me tornado uma criança de novo, tão instantaneamente abracei meu amado cão.

— Reginald! — sem pensar em meu vestido, em minha aparência, em quem via a cena, ou em qualquer outra coisa com exceção de Reginald Collie, me sentei no chão para abraçá-lo com os dois braços, rindo e chorando, enquanto ele se sacudia e lambia meu rosto e soltava gemidos caninos de alegria.

Que felicidade! Por esses breves e extáticos momentos. E então um par de longas, magras, porém fortes mãos surgiram, prendendo a coleira de Reginald, e olhei cuidadosamente para cima, para o rosto sem expressão de meu irmão Sherlock.

Mas me recusei em abandonar minha felicidade. Ainda rindo, estendi minha mão para que ele me ajudasse a levantar.

— Senhor Sherlock Holmes! — gargarejei, num tom meio uma oitava acima da minha voz normal. — Ah, espere até eu contar a minha tia que encontrei o famoso Sherlock Holmes!

A surpresa venceu o controle; seu queixo caiu visivelmente por um momento, antes que ele o disciplinasse.

— Era você na sala de estar de Watson?

— Estudando o buquê bizarro que seu inimigo havia lhe mandado. Sim — ainda acariciando Reginald com uma mão e tirando os pelos de cachorro do vestido com a outra, desafiei Sherlock.

— Agora, confesse, você nunca teria tomado conhecimento de minha presença se não fosse pelo nosso velho amigo peludo aqui.

— Admito que você tem razão. Fui pego totalmente de surpresa. Espero que a aliança que sinto embaixo de sua luva seja meramente parte de seu disfarce?

— Sim.

— Então você permanece solteira e, fervorosamente espero, virgem.

— Meu caro irmão! — protestei com certa aspereza.

— Perdoe-me. É claro que não deveria perguntar, mas... estou muito confuso... mesmo eu, que raramente sou admirador do sexo frágil, posso ver que

você está bastante adorável.

Senti o calor no rosto, e não consegui falar, lutando para não sorrir cheia de orgulho. Sherlock continuou:

— Me parece que a escola preparatória seria desnecessária.

Minha expressão deve ter mudado, congelado, pois ele rapidamente incluiu:

— Não tenho mais nenhuma intenção de coagi-la a entrar em tal instituição, minha cara irmã, lhe asseguro. A Srta. Nightingale me esclareceu a respeito dos, ah, prejuízos para as jovens das escolas preparatórias.

— Que bondade da parte dela. Mas ela esclareceu Mycroft?

Pois meu irmão mais velho, e excessivamente teimoso, era quem tinha o poder legal sobre mim.

O olhar de Sherlock se desviou para o lado, confirmando minha suspeita: eu ainda não estava fora de perigo. Devo fugir. Na primeira oportunidade.

Este pensamento doeu em meu coração, pois adorava a companhia estimulante de meu irmão Sherlock.

E com o mais ríspido tom ele disse:

— Minha razão para encontrá-la dessa maneira irritantemente simples — devia ter pensado nisso um ano atrás! — não tem nada a ver com Mycroft.

— Aconteceu alguma coisa?

— Uma coisa muito estranha. Houve uma comunicação muito peculiar da parte de nossa mãe.

Capítulo Nono

Minha mãe!

— Então ela está viva? — exclamei, minha resposta impensada revelando o medo que eu mal reconhecia: porque não tive notícias dela em tantos meses, podia não estar mais entre nós há muito tempo. Não que ela já tenha estado conosco, exatamente. O que a cigana havia dito sobre uma flecha lançada no céu, uma coruja voando para uma noite sem lua? Minha mãe viajava com uma caravana de bonitos cavalos negros com estrelas brancas nas costas. Talvez esse fosse um jeito poético que ela encontrou para dizer que minha mãe havia falecido, expirado, partido — detesto os eufemismos convencionais, mesmo assim me peguei buscando refugio neles...

O rosto de meu irmão assumiu a aparência superior de um especialista em lógica.

— Por que você não teve notícias sobre ela em meses, você achou que ela poderia estar morta? Minha cara irmã, eu não tive notícias dela por anos, mesmo assim me mantive seguro de que ela estava bem viva.

— Sim, porque você sabia que ela estava mendigando dinheiro para Mycroft — respondi um tanto sarcástica, mascarando os sentimentos trêmulos que vieram à tona em meus pensamentos: que estranho, meu encontro com a cigana há apenas algumas horas... mas não disse nada a Sherlock. Esse não era um caso que ele podia investigar por raciocínio dedutivo.

Em vez de continuar, exigi:

— Uma comunicação peculiar? Como assim? Peculiar em que sentido?

— Devo lhe mostrar e deixar você tirar suas próprias conclusões — ele se virou como se esperasse que o seguisse.

— Pelo menos me diga o que diz? — gritei.

— Não posso. Eu não a abri. Está endereçada a você.

Eu podia ter gritado, minha impaciência começou a ferver.

— Este é um dos seus planos insensíveis para me enlaçar?

— Enola! — quando ele olhou por sobre o ombro, notei a emoção em seu rosto, rapidamente suprimida.

— Não, eu não ousaria — ele respondeu secamente. Mas é necessário que nos sentemos.

Ele inclinou a cabeça na direção da casa de Florence Nightingale, onde a porta da frente literalmente vivia aberta, como se fosse um edifício público, onde reformistas, oficiais do governo e diversos outros visitantes entravam e saíam à vontade, embora a famosa enfermeira se mantivesse em estrita reclusão no andar mais alto.

— Certamente você pode confiar em mim até agora.

A verdade, para minha consternação, era que eu já vinha confiando nele a muito tempo.

E então fomos para dentro da enorme casa de tijolos na Mayfair Street, sem sermos anunciados e totalmente sem sermos notados; em nenhuma outra residência da alta classe de Londres, tenho certeza, seria possível que um homem alto de cartola com um cachorro sujo preso em uma coleira e carregando uma valise simplesmente entrasse, em especial se estivesse acompanhado por uma jovem parecida com um salgueiro, com o chapéu caído para o lado e marcas de patas por todo o vestido. Como o andar térreo estava lotado — aparentemente havia uma reunião no lugar; vi muitos casacos vermelhos do exército da salvação — nós três (contado Reginald Collie) seguimos para o andar superior, na sala de música, onde a Sra. Tupper costuma passar seus dias ouvindo alguém tocar piano — uma grande alegria para ela, mesmo que seus ouvidos surdos só fossem capazes de ouvir a música se ela se sentasse bem ao lado do instrumento.

— Senhorita Meshle! — ela gritou no instante em que entrei. Para ela, eu sempre seria a “Srta. Meshle”, a antiga hóspede e atual salvadora, não importando o quanto eu deixasse de me parecer com a pessoa do pseudônimo. Meus disfarces nunca a enganavam, pois já havia visto todos. Se levantando cambaleante da cadeira de balanço, ela me abraçou em volta da cintura, e pousei meu rosto sobre sua toca branca engomada, que quase chegava a altura do

meu ombro.

Enquanto isso, Sherlock trouxe outras duas cadeiras, e todos nos sentamos. Não havia necessidade de conversar polidamente com a sra. Tupper; na verdade, ela dirigiu toda sua atenção para Reginald Collie, acariciando sua cabeça com as duas mãos trêmulas e exclamando:

— Que belo collie de fazenda! Este tipo está fora de moda, é do jeito que um collie deveria ser, não uma dessas coisas de focinho e pernas finas que vejo no Hyde Park...

Enquanto isso, Sherlock pousou a valise atravessada sobre seus joelhos, a abriu, e retirou dela um grande e fino pacote feito de papel pardo, que passou para mim.

— Algum desconhecido deixou isso na porta da cozinha de Ferndell no meio da noite.

Olhando fixamente para os primitivos desenhos feitos de lápis-carvão, estrelas, olhos, corujas, flechas, cobras, lua e sol, eu lhe disse com grande certeza:

— Uma cigana colocou isso lá — havia visto tais desenhos recentemente nos amuletos de uma certa cigana. E também já vira tais desenhos muitas vezes antes, pintados em suas carroças coloridas.

— Uma cigana! O que faz você dizer isso?

— Ora, ela tem perambulado com eles desde que...

A expressão em sua face me lembrou.

— Ah, Deus. Esqueci que você não sabia.

— E como, por Deus, você sabe?

— Eu adivinhei, e então perguntei a ela pelo jornal. Ela respondeu afirmativamente.

— Você estaria se referindo àquelas malditas mensagens sem sentido sobre a quarta letra do amor perfeito...

— Miosótis — expliquei. — A quarta letra é S. A flor da pureza é o Lírio, cuja quarta letra é I, para pensamentos é a Tamareira, primeira letra T, e assim por diante.

Ele balançou a cabeça como se estivesse mais confuso do que antes.

— O que sua mãe quer com um bando de ciganos fedorentos e ladrões?

— Liberdade.

— Mas tais mendigos chantagistas...

— Caravanas brilhantes e lindos cavalos, noites sob as estrelas, nenhuma amarra, o mais antigo povo nômade tocando a mais estranha música em seus violinos, e sem necessidade de se vestir para jantar nunca mais.

— Coelho ensopado — ele rosnou, ainda balançando a cabeça tanto pela negação quanto pela falta de habilidade em acreditar — ... em uma lata sobre uma fogueira cheia de fuligem...

Sem prestar atenção nele, analisei o papel pardo, nem tanto o crisântemo e a hera em seu centro — embora a visão dessa obra de arte familiar tenha deixado apertado meu coração — mas o que me intrigava era os escuros e ameaçadores símbolos feitos de lápis-carvão ao seu redor, em especial os quatro “olhos malignos” — pois é assim que a maioria das pessoas os chamam — nos cantos. Para mim, eles pareciam mais assustados do que assustadores.

— Ciganos são pessoas supersticiosas — observei a Sherlock casualmente, como se não houvesse me submetido à prática da quiromancia com uma cigana de olhos amarelos há apenas algumas horas antes, e ainda não sabia o que pensar sobre ela.

— Estes sinais são como amuletos da sorte, como o que eles gravam em seus amuletos de cobre. Mas por que eles os desenharam por todo o pacote?

— Se você pudesse abri-lo — ele resmungou. — Tal razão pode vir à luz.

— O que é isso? — exclamou a Sra. Tupper quando notou o pacote pela primeira vez.

— Todos nós vamos ver — embora normalmente eu abra os envelopes com meus dedos, pensei que não deveria rasgar este.

— Suponho que precisarei de uma faca.

Capítulo Décimo

Sherlock começou a revirar seus bolsos procurando um canivete, mas eu simplesmente desembainhei minha adaga de meu busto, de seu esconderijo em meu corpete.

— É claro. Que tolice minha não lembrar — disse Sherlock com um tom sério.

Sem prestar atenção, abri uma fenda na extremidade do papel fino.

Pressionando pelos cantos, para que se abrisse como uma boca, dei uma espiada ali dentro. Não pude ver nada exceto algo que parecia ser um amontoado de papel cortado em tiras. Eu os sacudi para fora, depositando-os sobre meu colo.

— Mas, em nome de Deus, que é isso? — trinou a Sra. Tupper.

— Por gentileza, poderia voltar a embainhar a Excalibur, Enola? — Sherlock sugeriu suavemente.

E assim o fiz, sem prestar a devida atenção ao nome divertido que ele deu à minha adaga enquanto analisava a massa de papel branco em meu colo. Uma das tiras, ou talvez mais do que uma, com cerca de dois centímetros de grossura, estava parcialmente coberta em um dos lados por fragmentos de tinta azul da caligrafia apressada de minha mãe. Descobri na mesma hora o que era.

Mas Sherlock disse antes.

— Um *skytale*.

Este, descobri para meu assombro enquanto escrevia isto, é a pronúncia correta da palavra, que evidentemente tem suas raízes na língua grega. Eu sempre, desde que era criança, pensei nele como “escaiteio”, pois é assim que

se diz. Minha mãe e eu brincávamos com o “escaiteio”, enquanto eu aprendia a escrever.

Era bem divertido; uma pegava o papel, cortava-o em tiras, colava essas tiras ponta a ponta, enrolava-as em volta de algum objeto cilíndrico, escrevia a mensagem ao longo do cilindro, na horizontal, e, então, desenrolava o papel. A mensagem, que ficava em pedaços por toda a extensão das tiras de papel, não podia ser lida pelo destinatário (minha mãe) até que ela encontrasse um cilindro de tamanho certo onde enrolá-la, o que podia ser um cabo de vassoura, um rolo de massa, a perna da cama, a luminária — as possibilidades em Ferndell eram inúmeras, mas finitas.

Mas quais eram as possibilidades em Londres? Quase infinitas.

Eu não seria capaz de ler a carta de minha mãe até que encontrasse um cilindro do tamanho apropriado onde enrolá-la, e minha frustração me deixou tão perto das lágrimas que tive de morder o lábio. Isto era algo que eu desejava desde o dia em que minha mãe fugiu: uma carta, algumas palavras de explicação, talvez de afeto, talvez até de — ousar pensar nisso — amor...

— Devo entrar em contato com Lane imediatamente — declarou Sherlock, com o tom decidido de um homem de ação. — Para descobrir se existiam ciganos nos arredores na noite em que esse pacote foi entregue secretamente, e se havia, o que devo fazer para encontrá-los...

— Ah, besteira — gritei com uma veemência que me surpreendeu, demonstrando um ciúme que ainda não conhecia — mas lá estava ele; era o meu pacote e era eu quem deveria encontrar nossa mãe.

— Nossa mãe sempre se cuidou muito bem. Não seria melhor você direcionar suas energias para encontrar a Duquesa Del Campo? — disse a ele com certa violência.

Ele havia começado a se levantar, mas a menção daquele nome o fez voltar para a cadeira. Ele me encarou por vários minutos.

— Rezo para que você não me diga — ele disse finalmente — que você desceu as escadas e passou por trás de mim no *foyer* da casa do Duque Del Campo esta manhã, enquanto eu estava distraído pelo estranhíssimo comportamento de um gato?

— Então, certamente não lhe contarei — respondi docemente. — Digo-lhe apenas que a Duquesa Blanchefleur é uma senhora que realmente precisa de ajuda, a não ser que ela tenha escolhido o jeito mais improvável de fugir

por vontade própria.

Aproveitei a oportunidade para saber mais sobre o passado da desaparecida.

— Você entrou em contato com a mãe e o pai? Ou fez perguntas a respeito de alguma discórdia entre ela e seu marido?

— É claro que sim! Sem dúvida, o Conde de Chipley-on-Wye e sua esposa são meticulosamente requintados e sem pretensões. Embora seja natural que aprovelem o elogiado casamento da filha, é quase certo que eles não o arranjaram ou o forçaram. Sem dúvida, o duque conquistou sua noiva através do bom e velho ato de fazer a corte, e se provou ser um marido excepcionalmente amoroso, e a jovem Blancheffleur teria todas as razões para se considerar uma mulher de sorte.

Seu tom de desprezo enrijeceu minha espinha enquanto eu pensava na carta que havia visto sobre a escrivanhinha de Blancheffleur, e em sua melancolia, sua inquietação. E também, certamente ela não escolheu desaparecer de uma maneira tão estranha e desconfortável.

Domando minha irritação, falei com meu irmão de maneira igual.

— Acho razoável achar que seu desaparecimento da estação de Baker Street não foi voluntário. E, além disso, só há um meio de ter sido feito: ela deve ter sido levada pelos trilhos do metrô em qualquer uma das direções.

— Isso se suas damas de companhia estiverem falando a verdade.

— Estou convencida de que estão. Você não viu seus olhos vermelhos e inchados de chorar.

— E você viu.

Me absteve de responder.

— Está sugerindo que devo ir procurar nos trilhos? A polícia de Londres já fez isso.

— E eles não encontraram caminhos por onde *toshers*, vagabundos e pessoas do tipo podem usar para seguirem até o Thames? Antigos leitos de rios, por exemplo?

— Certamente devem ter visto esses buracos de rato, muitos deles. Mas investigar cada um deles é impossível. Se a senhora foi colocada em cativeiro por tal rota, não há nada que possamos fazer a não ser esperar pelo pedido de resgate.

— Besteira. Você pode encontrar a velha que a atraiu até o metrô: uma

velha sapa, sem dentes, encarquilhada com pelos no queixo e um chapéu brilhante fora de moda; ora me parece ser fácil de reconhecer... Mas enquanto minha mente lançava uma imagem tremeluzente como a de uma lanterna mágica, meu discurso continuou.

— Não acho que a Duquesa Blancheffleur foi sequestrada pelo resgate; se este fosse o caso, então me parece que o pedido já teria sido recebido a essa hora. Há outras razões pelas quais os vilões podem tê-la levado. A velha pode muito bem ser uma cafetina...

— Enola! — ele realmente empalideceu, perplexo por ouvir tal palavra em meus lábios.

E como eu tinha apenas uma vaga ideia de como uma cafetina procedia, ou qual seu propósito, pelo mero espírito da argumentação, continuei:

— Ou ela deve ter sido levada por causa de sua roupa.

Supus que deveria explicar que havia um grande comércio de roupas roubadas no Distrito Leste, e haviam alguns poucos casos chocantes de crianças da alta classe que foram sequestradas, enquanto atravessavam a rua para brincar com um vizinho, e então apareciam chorando e quase nuas, numa região diferente de onde vieram.

Por esta razão, poucas crianças têm permissão de sair na rua sem o acompanhamento de um guardião.

— Pela roupa? A duquesa não é uma criança! — ao contrário, pensei; ela parecia uma criança de muitas maneiras, mas Sherlock riu com vontade. — Isso é um absurdo. Entretanto, se algo do tipo tivesse acontecido, ela estaria em casa novamente em um dia!

Eu não respondi — de fato mal ouvi, pois naquele momento me lembrei onde havia visto — na verdade, havia conhecido muito bem por alguns dias malignos — uma velha com um queixo peludo e um chapéu horrível. Sem dizer nada, reuni os papéis que estavam no meu colo e me coloquei de pé, abracei a Sra. Tupper, fiz um último cafuné em Reginald Colhe, e abandonando minhas luvas e a sombrinha, corri na direção da escada.

— Enola! — ouvi Sherlock gritar com um tom severo atrás de mim.

Enfiando o escaiteio — quero dizer, *skytale* — em meu busto, me volvei:

— Eu mando notícias! — gritei por sobre o ombro, enquanto corria escada abaixo e porta afora, e corri o mais rápido que podia, escutando os passos de Sherlock se aproximando atrás de mim... mas, no instante em que cheguei

na rua, assobieei do jeito mais agudo e feminino que existe, e um táxi que passava rapidamente parou. Saltei para dentro e bati no teto, sinalizando para que o condutor seguisse. Como era, é claro, uma trole, me sentei com a visão plena de meu irmão enquanto me afastava; na verdade, olhei por sobre o ombro para vê-lo cerca de seis metros atrás de mim, respirando com dificuldade e com o olhar fulminante. Ele continuaria diretamente atrás de mim. Eu precisava de um lugar para me esconder — mas também precisava urgentemente chegar ao Distrito Leste. Desesperadamente preciso me disfarçar como nunca me disfarcei antes.

Capítulo Décimo Primeiro

— Para onde, milady? — perguntou o condutor, através da janelinha no teto. A trole, ou mais apropriadamente, Trole com T maiúsculo, foi inventado por um Sr. Hansom alguns anos atrás, e ele inteligentemente colocou o condutor no topo e atrás do veículo, provendo aos passageiros uma visão dos arredores bem mais atrativa do que o estudo das costas do condutor.

Por isso a popularidade do veículo nos dias agradáveis. Empoeirado bem acima do chão, o condutor da trole controla os cavalos por rédeas que passam por anéis no topo da carruagem, e quanto às abas que admitem a entrada dos pagamentos e protegem suas pernas, ele as opera com uma alavanca, e se comunica com os passageiros do alto. Na verdade, nunca vi o condutor de uma trole subindo ou descendo do veículo...

Ah. Ah, minha estrela brilhante!

Assim como a maioria das minhas mais ousadas — ou descerebradas — ideias, tudo me surgiu instantaneamente. O condutor mal tinha feito sua pergunta quando respondi:

— Para seu estábulo.

— Perdão? — sua voz se tornou um pouco estridente.

— Para o lugar onde você guarda seu cavalo e seu táxi — e o presenteei com uma nota de uma libra através da fenda no teto. — Não tenha medo, vou fazer valer a pena.

Foi só quando chegamos à onipresente Serpentine Mews que os possíveis obstáculos para meu plano me ocorreram; se meu condutor trabalhasse para uma grande companhia de táxis, como eu poderia esperar ser bem-sucedida, e quantas pessoas mais teria que subornar? Não conseguia pensar; tudo parecia

sem esperança e confuso; senti no ombro o peso do corvo invisível da história da cigana, havia irritado Sherlock novamente, a mensagem de minha mãe em meu busto parecia, em minha mente, que estava na verdade abrindo caminho a fogo até meu coração, mesmo assim, todo o resto deveria esperar até que eu encontrasse a Duquesa Del Campo.

Na verdade, me senti culpadamente sortuda por ter essa excelente desculpa para procrastinar, porque mesmo nesse espaço curto de tempo, meus sentimentos a respeito da carta de minha mãe haviam mudado. Não sentia mais urgência de lê-la na hora; em vez disso, queria esperar um pouco mais, me permitir mais tempo de esperar que na mensagem haja alguma palavra maternal ou de afeição a mim direcionada. Sem permitir que minha mente moldasse o pensamento em palavras, senti que essa podia ser minha última chance. Eu ficaria devastada se me desapontasse. Entretanto, agia de um modo um tanto covarde, disposta a adiar o momento da verdade.

Enquanto isso, meu condutor passava pela Serpentine Mews, virou algumas esquinas, e parou em um pequeno estábulo atrás de uma casa extremamente modesta.

— Bom, então você é independente? — declarei sem preâmbulos, enquanto saía.

— Sim, sou.

Nenhum inspetor para interferir. Que sorte.

O homem continuava sentado em seu alto poleiro.

— Desça, meu bom amigo — disse a ele. Imprudentemente retirei tanto o chapéu quanto a peruca da cabeça, jogando-os sobre um fardo de palha. Ele engasgou, mas eu não seria distraída por seus sentimentos.

— Quanto você costuma ganhar em um dia?

Parado, diante de mim agora, ele abriu e fechou a boca como um peixe várias vezes antes que conseguisse dizer:

— Num dia bom, três libras.

— Darei dez, para usar hoje seu cavalo, seu táxi e o aluguel de seu chapéu e casaco — embora sempre tenha desejado, nunca me vesti como homem, mas me confortei decidindo que tecnicamente não faria isso, já que não usaria calças. Minha porção inferior não seria vista; o assento do condutor tinha pequenas portas que se fechavam como um balde.

— Aqui está — coloquei uma nota de dez libras na mão do surpreso ho-

mem.

Não foi tão simples assim, é claro. Meu condutor precisou de vários minutos de persuasão, não financeira — embora lhe desse mais de bom grado — mas como o sujeito honesto que era, se preocupava que eu usasse seu táxi para algum propósito desprezível. Eu lhe assegurei várias vezes que minhas intenções não eram nem imoral, nem ilegal, e que seria cuidadosa. E que eu traria seu cavalo e sua trole, sãos e salvos, ao cair da noite.

Minhas intenções, na verdade, eram simplesmente ter certeza absoluta de que Sherlock Holmes, mesmo com a ajuda de Reginald Collie, não conseguisse colocar as mãos em mim enquanto eu estivesse nesta imprescindível missão: viajar até o Distrito Leste de Londres, onde eu esperava encontrar a velha com cara de sapo com o queixo peludo que havia atraído a Duquesa Del Campo para o metrô.

Ela era, tinha quase certeza, a Sra. Culhane, das Roupas Usadas Culhane.

E acontece que eu já havia encontrado com essa desagradável e interessante pessoa em uma aventura anterior — na verdade, no trem que me trouxe a Londres pela primeira vez. Naquela ocasião ela usava um chapéu horrível — apesar de que em Londres hajam centenas, talvez milhares de velhas feias usando velhas toucas que brilhavam como fungos, quantas outras delas vendiam roupas usadas? E, além disso, eu conhecia a crueldade e a ousadia da Sra. Culhane, e me senti instintivamente certa de que foi ela quem havia armado essa cilada para a Duquesa Del Campo.

Embora ela não possa ter feito toda essa ação diabólica sozinha, eu sabia que tipo de amigos tinha, e tenho certeza de que alguns brutamontes esperavam por ela no metrô de Baker Street. Embora, naquele ponto, não tivesse sequer um plano arquitetado para confrontar a Sra. Culhane, mesmo assim, havia muita honestidade em minha voz quando disse para o condutor que queria usar sua trole para uma missão de misericórdia.

Ele revirou os olhos, mas cedeu.

— Devo ser um belo idiota, mas tudo bem, se vai mesmo fazer isso. Escreva meu nome e meu endereço em um papel e coloque no táxi. Assim ele volta para mim caso algo aconteça.

De bom grado obedeci, tirando papel e lápis do meu busto para escrever seu nome e endereço.

— Qual seu nome senhora? — ele perguntou.

Uma boa lembrança para que eu tirasse minha aliança e a atirasse no vão da peruca. E, quanto à pergunta do bom homem, de modo vertiginoso respondi:

— Ah, que Deus me perdoe, mas não consigo sequer me lembrar nesse momento... tenho tantos.

E, de alguma forma, essa resposta descuidada, e um tanto irregular, o satisfez quanto a mim. Ele deu de ombros, quase sorrindo. Esperou discretamente enquanto eu sujava meu rosto um pouco para me disfarçar, escondia o cabelo, que já estava seguro no topo de minha cabeça, sob seu chapéu coco, e cobria meu espartilho, que, por sorte, tinha a gola baixa, com seu casaco. Ele me ajudou (permiti o gesto cavalheiresco, embora não precisasse de ajuda) enquanto eu subia até o assento do condutor e fechava as portas para esconder minha saia. Ele me entregou o chicote e as rédeas, guiou o cavalo para fora do estábulo para mim, disse:

— Tome cuidado.

E lá fui eu, retumbando pelas ruas de Londres.

Capítulo Décimo Segundo

Como eu tinha apenas uma noção básica de como usar as rédeas, admito que me senti um tanto aterrorizada em cima daquela sege. Obviamente não tenho medo de alturas, por subir em árvores, por exemplo — mas esse lugar alto se movia! Além do mais, se movia muito próximo de outros objetos móveis enormes. Me encontrei esbarrando em todo tipo de veículos, carruagens e carroças, táxis e vagões, alguns de leve e rapidamente, outros com mais força e devagar, tentando passá-los de tão perto que suas rodas quase raspavam, ou os eixos se bloqueavam — às vezes eles se prendiam, e em geral estouravam com o ruído de um soco.

Abençoadamente, evitei tal destino. Meu cavalo, apropriadamente batizado de “Marronzinho,” conhecia seu trabalho, trotando sereno por seu caminho e me mantendo longe dos problemas.

— Táxi! — guinchou as vozes femininas estridentes em uníssono, as duas matronas com os vestidos mais exagerados, o maior número de joias, os mais enormes chapéus e o seios mais avantajados que já se vira em uma avenida de Londres. Embora assustada por reconhecê-las, balancei a cabeça na mesma hora, como se estivesse encarregada de buscar um cliente em outro lugar, e passei direto. E, assim que passei, me veio um pensamento tardio, e desejei ter conseguido espirrar água de esgoto nelas. Elas eram as terríveis tias da Sra. Cecily, que, com a conivência do pai da jovem, a aprisionou e quase a matou de fome, tentando fazê-la se casar contra a vontade! Cecily estava agora a salvo com sua amorosa mãe, e talvez algum dia a encontrasse novamente. Tal pensamento me alegrou tanto que sorri enquanto seguia guiando, embora ainda não soubesse como iria cumprir o que precisava fazer aquele dia.

De alguma forma, teria que entrar na loja da Sra. Culhane e dar uma olhada. Se ela me reconhecesse, haveria uma repercussão muito desagradável, que seria inclusive um risco para minha vida. Mas joguei o problema para o fundo da minha cabeça enquanto seguia trotando, confiando nos meus estranhos processos mentais para lidar com isso durante o caminho. Quando cheguei ao limite do centro de Londres, e passei para o distrito mais pobre, as barracas e cestas dos vendedores de ruas enchiam as ruas estreitas, infestando-as dos mais tentadores aromas. Parando meu carro, comprei um pedaço de torta de carne de um vendedor apenas apontando meu chicote e jogando dois pences, enquanto ele embrulhava meu lanche em papel pardo e o levantava para que eu pegasse. Ao meu redor havia muitos operários e crianças de ruas, meninas enviadas para fazer compras e lavadeiras enchendo as ruas de pedra. Ali perto, um mendigo havia atraído uma multidão exibindo uma tartaruga adestrada que ficava em pé nas pernas traseiras em troca de um agrado, se erguendo cada vez mais e ficando mais ereta até que caía de costas sobre o próprio casco, oscilando como um cavalo de pau, para a grande diversão de todos.

Comendo minha torta de carne e observando do alto, eu ria mais alto do que todos, balançando minha cabeça maravilhada, enquanto atirava um centavo. Uma pessoa nunca sabe o que verá nas ruas do Distrito Leste de Londres, se vendedores de bolo de gengibre ou ursos dançarinos, ou uma mulher vendendo botões e cadarços de botas ou os mais detestáveis mendigos. Voltando ao limite do centro, havia visto um mendigo com fósforos que havia se posicionado perto de um vendedor de charutos. Como os homens podem gostar de um “prazer” tão amargo estava além da minha compreensão, embora algumas mulheres notórias e ousadas...

Espere.

Atrizes, na maioria, mas ocasionalmente podia-se ver...

Seria possível?

Ah, Deus. Se eu fosse tentar...

Acho que posso conseguir, especialmente se arregaçar minha saia pontilhada para escondê-la sob meu casaco. Será que minha aparência teria o efeito desejado sobre a Sra. Culhane?

É quase certeza.

Muito bem, é o que eu faria!

Me levantando em meu banco, fiz as manobras necessárias para esconder

minha saia pontilhada, sem dar atenção às exclamações e olhares dos fingidos habitantes do Distrito Leste — eu não era apenas o condutor, uma mulher, como estava parcialmente me despidendo em público! Isso não importava; nenhuma dessas pessoas jamais me veria de novo.

Depois de me sentar, escondida mais uma vez, ignorando os gritos, risadas e algumas vaías, concentrei minha pouca habilidade nas rédeas para fazer o cavalo dar a volta. E, então, voltei para comprar um charuto e alguns fósforos. Acendi o charuto, mas apoiei a coisa fedorenta entre o táxi e sua lamparina para queimar, enquanto virava o sempre paciente Marronzinho novamente para o leste.

Na hora em que cheguei na esquina da Saint Tookings Lane com a Kipple Street, o charuto havia queimado a metade e apagado, para meu alívio, pois não tinha ideia de como fumar um daqueles, e nem desejava aprender. Meu propósito, aliás, era fingir.

Enfie o cigarro no canto da boca, apertando a ponta que não estava queimada entre meus dentes, com o que eu esperava ser um sorriso desagradável.

Parando o táxi na frente da loja da Sra. Culhane, atraí a atenção de uma multidão de vendedoras de peixes e crianças de rua, já que raramente um táxi vinha até ali. O interesse aumentou quando descí. Engasgos e murmúrios surgiram quando minha saia (agora lisa, azul-escura) apareceu. Embora nada comum, e muito desaprovada por desprezar as regras da vestimenta e aparência feminina, as garotas “Billy” às vezes eram vistas em Londres, em geral com um bulldog na coleira. Na falta de um destes, fechei a cara, brandindo meu chicote enquanto amarrava o cavalo ao poste. E, então, com o chicote ainda na mão, segui a passos largos para a loja da Sra. Culhane.

Ali estava ela, sua figura com o formato parecido com a tartaruga do mendigo, em pé sob as patas traseiras, seu comportamento mais parecido com o de um ultrajante porco-espinho.

Embora tomasse cuidado de não olhar diretamente para ela, podia ver os pelos do seu queixo tremendo, suas mãos grossas remexendo pelo ar, e esperei devotamente que em seu choque ela não visse além de meu chapéu, meu charuto e o desprezo em meu rosto atual, ou em todo meu ser, que poderia reconhecer.

Passando a passos largos por ela o mais rápido possível, fui até a parte de trás da loja, varrendo seu conteúdo com o olhar, e pronto! Sim, exibido em destaque estava o vestido de seda de Blanchefleur e a sombrinha combinando,

além de diversas anáguas luxuosas e longas e caros corpetes com hastes de apoio que podem ter pertencido à idêntica e infeliz senhora.

Mas e agora? Maldição, não havia jeito de questionar a Sra. Culhane de modo seguro, e é improvável que alguma informação saía da sua boca sem dentes de qualquer forma. Melhor deixar o vestido e a sombrinha aqui até que a polícia possa vê-los, mas eu queria algo para provar o caso. Um lencinho? As duas Marys não haviam dito que sua senhora carregava um lencinho?

Fui até a cesta onde os lencinhos para senhoras ficavam em exibição, remexendo entre eles, peguei aquele que achei ter reconhecido, e o examinei.

Sim. Em um canto, embora a linha vermelha-e-dourada tenha sido arrancada, ainda se via no tecido: DDC.

Duquesa Del Campo.

Com o lencinho na mão, de modo provocativo, atirei um xelim no chão da loja, e saí.

Isso me divertiu, enquanto eu voltava para meu lugar no táxi, para dar uma olhada na Sra. Culhane tendo que se ajoelhar e se abaixar, caçando o dinheiro que havia jogado ali. Sua ganância era maior do que o insulto à sua moral, aparentemente.

Ao virar a esquina mais uma vez, muito feliz, joguei o charuto na rua e respirei fundo, aliviada, mas me sentindo fraca. Sim, o lencinho estava seguro no bolso de meu casaco emprestado, e sim, ele era a prova da minha teoria sobre o que havia acontecido com a Duquesa Blancheffleur: ter sido levada para que roubassem suas roupas, e ela continuava no Distrito Leste por alguma razão desconhecida... doença, prostração, falta de recursos, teria sido presa por algum bandido?

Até agora fui bem, mas e daqui por diante?

Perguntando-me se eu deveria notificar a Scotland Yard ou levar primeiro minhas suspeitas até o duque, resolvi voltar para o Distrito Leste para devolver Marronzinho e a sege para seu dono. Quando entrei no centro com seu tráfego abundante, rapidamente minha velocidade diminuiu para a de uma caminhada, e então me encontrei parada, em um bloqueio que pareceu durar vários minutos. Colocando o chicote em seu suporte, suspirando, e, apenas para ter algo a fazer, tirei o lencinho da duquesa do bolso.

E olhando para ele, na clara luz do dia, em vez da pouca que havia na loja da Sra. Culhane, vi algo que havia fugido da minha atenção antes.

Era talvez a mais nojenta falta de sorte que já experimentei antes. Embora ela tivesse o cuidado de remover o monograma, parece que a Sra. Culhane não havia se incomodado em lavar o lenço, pois bem em seu centro havia sinais claros de que havia sido usado no nariz de alguém.

Lembrei-me do que uma das Mary de companhia haviam dito sobre a asma da Duquesa Blancheffleur. Seria possível que eu estivesse segurando os detritos nasais da nobre senhora desaparecida?

Embora dificilmente fosse uma percepção delicada, me parecia bem provável.

Mesmo que eu enfiasse o lencinho de volta em meu bolso rapidamente e com certo desgosto, apesar disso, um pensamento me ocorreu: Poderia o cheiro da infeliz duquesa ter permanecido no lencinho?

Caso sim, não seria (graças a Deus!) necessário que eu vasculhasse os trilhos do metrô de Baker Street, ou outras áreas inferiores de Londres? Talvez não! Em vez disso — admito que a ideia me ocorreu graças aos eventos recentes instigados por Sherlock — seria possível que um cachorro rastreasse Blancheffleur pelo lencinho de Vossa Graça?

Capítulo Décimo Terceiro

A ideia fez com que eu arregalasse os olhos, endireitasse a espinha, e agitou de forma ardente minha esperança e excitação de tal forma que pareceram percorrer minha veia como se elas fossem fios telegráficos. Aparentemente recebendo a mensagem, o bom Marronzinho elevou a cabeça, fungou, e se lançou para frente, forçando a sege por um espaço que eu pensava ser pequeno demais para ela! Um segundo depois, pegamos um atalho por uma rua de serviço que nos levou para um labirinto de pátios escuros e becos, de onde eventualmente emergimos perto de Marylebone Garden. Revigorada, fiz com que Marronzinho ultrapassasse um ônibus e seguisse direto até a Baker Street, executando um adorável tro...

— Táxi!

A voz imperiosa afetou meu coração de um modo tão forte que, instantaneamente, fiz com que Marronzinho parasse, embora soubesse que estaria muito mais salva se continuasse. Impulsividade cega e obediente!

Não ousei olhar para o homem que havia falado, porque ele não podia ver meu rosto. Mas, quando me inclinei para puxar a alavanca que abria as portas, olhei de relance para sua figura alta, parecendo uma cegonha, e para seus companheiros mais baixos e mais corpulentos, enquanto eles subiam.

Sherlock Holmes, Mycroft Holmes e o Dr. Watson!

De algum modo, todos conseguiram se apertar ali dentro. Abri a portinha no teto da sege e disse com a voz mais grossa, rouca e com sotaque de bairro que havia em meu repertório.

— Meia taxa a mais pelo peso extra.

— De acordo. Nos leve para Oakley Street — meu irmão respondeu.

Ah. É quase certeza que vão ver o Duque Luis Orlando Del Campo.

— Pois não — confirmei com a mesma voz rouca, fechando a abertura acima de sua cabeça... mas não completamente. Eu queria ouvir a conversa.

Mas malditos sejam os ruídos da cidade em geral, e em particular o barulho das rodas de metal do meu próprio veículo sobre a pavimentação, pois não conseguia ouvir nada, com exceção de quando Sherlock levantou a voz:

— ...um experimento, Mycroft, um mero experimento! Achei que o velho collie fosse capaz de localizar nossa ousada e esquiva irmã. Eu tive que ir a Ferndell de qualquer maneira, por isto.

“Isto”, concluí por suas exclamações, era o papel pardo enfeitado com símbolo de lápis-carvão. Aparentemente ele não desejava contar que Reginald Collie havia de fato me encontrado, e que ele, Sherlock, o grande detetive, havia me perdido novamente, então desviara a atenção deles tirando “isto” de sua valise.

— Alguém de vocês pode me explicar o que é isso?

A resposta de Watson foi incompreensível, mas o tom pomposo de Mycroft atingiu meu ouvido claramente enquanto ele palestrava de modo excitado.

— Bem, meu caro companheiro, não é óbvio? Você tem suas especialidades, mas não tem muito conhecimento de antropologia como eu, ou saberia: estas bordas e este círculo são proteções, com intenção de repelir o mal. Alguma coisa estava assustando quem enviou isto, fazendo com que ele desenhasse tais sinais.

— E os olhos?

— Muito parecidos com o Egípcio Olho de Horus, ou o Terceiro Olho Hindu...

— Pelo amor de Deus, meu caro — Watson o interrompeu, de modo bem audível dessa vez. — Estamos na Inglaterra, e no século XIX!

— Sim e os vestuários das mulheres ainda tem bordados imbecis nas barras e nas mangas que não têm utilidade prática nenhuma...

— São decorativos!

— ...com exceção disso, desde os tempos de aborígenes, todas as aberturas de uma vestimenta devem ser barricadas com símbolos mágicos para nos proteger da entrada de espíritos malignos! — Mycroft então se voltou para

Sherlock, pois exigiu.

— Quem te enviou isso?

Mas a resposta de meu irmão foi baixa, e mesmo forçando meu ouvido o máximo que podia, não consegui ouvir o que ele disse sobre Ferndell, ou sobre minha mãe, ou sobre mim, exceto o que Mycroft rosnou na hora:

— O descaramento extraordinário da garota! — sim, o descaramento, de fato, pensei com amargura. Na verdade, meu descaramento estava no limite, ali sentada acima de suas cartolas enquanto Marronzinho corajosamente seguia, puxando este veículo muito mais pesado que o normal.

Quando mais perto da represa, pior o barulho, e a densidade do tráfego, até que, chegando à costa, o táxi mal conseguia se arrastar pelo caminho. Como meus clientes não reclamaram, não fiz nenhuma tentativa de forçar a passagem através do trânsito, mas mantive o cavalo caminhando até que, perto da Estação Charing Cross, nós paramos, pois parecia que todos os veículos de Londres haviam se reunido ali. Todo o barulho das rodas havia temporariamente diminuído, e embora houvesse ainda uma certa comoção — tal como a de alguns condutores que se xingavam à minha frente — aproveitei a oportunidade de tentar ouvir mais uma vez o que estava acontecendo dentro de minha sege, abrindo mais um pouquinho a janela do teto.

— ...e porque diabos não há pedido de resgate?

Ah. Agora estão falando da duquesa desaparecida, e Watson continuava com seu tom intrigado.

— Muitas razões possíveis — respondeu duramente meu irmão Sherlock. — Mas nenhuma delas traz muitas esperanças. Por exemplo, assumir que ela foi sequestrada em troca de dinheiro, que os captores simplesmente perderam a coragem, e temendo que colocassem a polícia atrás deles, se livraram dela.

— Meu caro Holmes! Certamente...

— Ah, nada é certeza. De fato, devem tê-la levado — a presença da velha sugere uma cafetina. Se ela foi levada para ser negociada com a alta classe na profissão mais antiga do mundo...

— Um destino pior do que a morte! — declarou Mycroft.

— Sem dúvida.

Watson protestou:

— Mas certamente todas as conjecturas não precisam ser tão terríveis. Não há uma possibilidade... — o bom doutor hesitou.

— Ah, você está pensando na situação estranha da minha família — Sherlock adivinhou de modo caprichoso, e aparentemente, estava certo.

— Você supõe que a senhora pode ter fugido por vontade própria?

Soando um pouco envergonhado, Watson murmurou.

— Bem, sem dúvida, é uma possibilidade.

— Possível, sim, mas não provável.

— Qualquer mulher sentiria vontade de fugir de um marido tão explosivamente melodramático...

— Sempre o estoico soltado britânico, Watson — interrompeu Holmes, divertido. — Para achar defeito em um estrangeiro perfeitamente apresentável e rico.

— Bem, a esposa é britânica, não é?

— E francesa — Mycroft colocou. — Por parte de mãe.

— Muito bem — persistia o pobre Watson. — Parcialmente francesa, e jovem, e possivelmente infeliz com o marido mais velho...

— Watson, seja quais forem as circunstâncias, as mulheres simplesmente não saem fugindo como se isso fosse normal — Holmes começava a soar um pouco irritado. — Com talvez uma ou duas exceções infelizes que eu saiba...

Em tom de desculpas sinceras, Watson gritou:

— Sem dúvida, eu não pretendia fazer alusão ao seu infortúnio pessoal...

O caminho se abriu mais à frente, o tráfego começou a se mover novamente, passei a ponta do chicote pelas costas de Marronzinho para fazê-lo andar, e depois não ouvi mais nada até que viramos na Oakley Street e parei o táxi, lembrando a tempo que, em meu disfarce de condutor, não saberia o endereço exato. Abri a porta do teto, a mão do meu irmão se ergueu para me entregar um generoso pagamento e acenou me dispensando e indicando que não esperava o troco, e então ele, Mycroft e Watson abriram as portas antes que eu guardasse o dinheiro. E também havia esquecido de puxar a alavanca.

— Que orientação você dará ao duque?

Watson perguntou enquanto saíam.

— Duque — Holmes o corrigiu com sotaque espanhol; Watson, afinal, não estava sozinho em seu preconceito contra o estrangeiro. Bem, talvez deva sugerir que sua esposa tenha fugido pelo metrô e que está morando com minha irmã.

— Ah, por favor, Holmes. Você está mesmo assim tão perdido?

— Meus informantes não me disseram nada. Todas as linhas de conjecturas não me levaram a nada. Eu nunca deveria ter aceitado este caso — Holmes disse de modo amargo, enquanto seguia na direção da assustadoramente casa moura³, a poucos passos de distância. — Aparentemente, pessoas desapareceridas são meu calcanhar de Aquiles.

— Besteira. Uma dúzia de vezes você chegou perto de encontrar sua irmã.

Pode contar uma dúzia mais um, pensei enquanto fazia a volta e me afastava, com o coração doendo — admito; o simples som da voz de meu irmão me deixou à beira das lágrimas, especialmente quando ele falou sobre mim de modo tão amargurado.

Mas nada se pode a fazer sobre isso. E eu tinha trabalho a fazer.

Capítulo Décimo Quarto

Depois de devolver Marronzinho ao seu humilde estábulo, o casaco e o chapéu ao seu verdadeiro dono — agradecendo sincera e efusivamente ao homem — tentei rearranjar o melhor que pude meu vestido pontilhado, completando com o chapéu e a peruca. Procurando no bolso a aliança (não que importasse se a perdesse; eu tinha várias alianças de reservas à mão), voltei para meu quarto para me lavar e mudar de roupa, me sentindo suja pelas marcas das patas do cachorro e odores de cavalo.

E, também, precisava jantar antes que pudesse colocar em ação meu plano para encontrar a duquesa, e...

E a primeira coisa que encontrei ao desabotoar meu vestido tão abusado foi uma massa de papel cortado e colado em tiras.

A mensagem de minha mãe.

Ah, meu Deus.

Por mais que desejasse colocá-la de lado, sabia que não conseguiria encarar Sherlock novamente até que houvesse desvendado o *skytale*. E precisava encarar Sherlock para poder recrutar os serviços de Reginald Collie. Nesta mesma noite, se possível.

Ali, parada, de anáguas esperando a garota trazer a água quente para meu banho, estiquei as tiras de papel — não havia menos do que quatro delas, e todas bem longas — e então as coloquei na minha cama e olhei bem para elas, tentando pensar. Minha mãe as havia enrolado em volta de algum cilindro para que pudesse escrever, e sem dúvida supôs que um cilindro do mesmo tamanho estaria disponível para mim. Mas o que podia ser, se ela estava com os ciganos e eu estava em Londres?

Nada pequeno, certamente, dado à largura dos papéis. Nem o cabo de um pincel, embora minha mãe fosse uma boa artista. O que mais minha mãe gostava de fazer? Procurar flores selvagens, passear pelo campo... um cajado? Mas certamente ela não esperaria que eu tivesse um em Londres...

Ah! O que ela esperaria que eu tivesse e que ela também teria? Eu devia pensar com o ponto de vista da minha mãe. Não era uma tarefa fácil, já que nunca entendi completamente minha mãe. Mas tentei. O que minha mãe e eu fazíamos juntas? Líamos livros? Sim, realmente, mas nenhum livro cilíndrico me vem à mente. Colhíamos flores e as arranjávamos? Sim, mas os vasos eram de diversos tamanhos e formatos. Outras atividades como montar cestas e gaiolas com varetas? Não minha mãe. Ela não era uma pessoa caseira. Ela preferia ficar a céu aberto, se certificou de me prover de força de vontade, ela me encorajava a subir em árvores, me ensinou a andar de bicicleta...

A garota escolheu aquele momento para bater e entrar com o jarro de água fumegante que havia requisitado, interrompendo meus pensamentos.

Depois de me lavar, experimentei enrolar uma seção do *skytale* em volta da haste de uma luminária de chão, tentei colocar o papel de todos os jeitos, em vão. E depois tentei minha luminária de cabeceira, e então um dos corrimões da escadaria, sem melhores resultados. Eu não pude sequer descobrir se precisava de cilindros maiores ou menores, o que foi muito frustrante.

Fui visitar Sherlock depois do jantar e, para beliscar seu nariz sempre empinado, usei exatamente a mesma roupa que havia usado no dia em que ele não me reconheceu na sala de estar do Sr. Watson. Sem aliança de ouro, já que estava sendo a Srta. Viola Everseau. Das minhas botas longas polidas até meu modesto, porém adorável, vestido amarelo-prímula, passando por meu rosto empoadado e com sua pequena marca de nascença, minha peruca cuidadosamente penteada, e meu chapéu de cigana — que ironia, mas é assim que são chamados, os pequenos chapéus planos de palha com ramos de flores — em cada detalhe era sua irmã disfarçada simplesmente em estar linda.

Muito pequeno de minha parte, mas como meu irmão, eu gostava muito de um momento de triunfo. Na sacola coloquei outra roupa mais adequada ao trabalho noturno que nos esperava, ou seja, eu esperava que ele viesse comigo. Se não, então o trabalho noturno que me esperava, Enola no singular, como sempre.

Se Sherlock não estivesse em casa, eu havia decidido, iria esperar. Mas

apesar disso, neste longo anoitecer de julho, no qual o sol ainda não havia se posto, eu esperava que já estivesse em seus aposentos se recuperando de um dia cansativo e frustrante.

A Sra. Hudson atendeu a porta, confirmando que ele estava em casa. Enviei meu cartão na bandeja de prata:

Srta. Viola Everseau.

Rapidamente ouvi sua explosiva reação vocal.

Evidentemente, a Sra. Watson, na ocasião de nosso encontro anterior na sala de visitas, havia dito a ele meu nome, e ele se lembrava.

Um momento depois, latindo alegremente, Reginald Collie surgiu descendo as escadas para me receber. Bem a tempo, antes que ele pudesse saltar sobre mim, segurei o cão pelas patas dianteiras.

— Você não vai estragar esse vestido — disse afetuosamente. — Ou pelo menos não até que Sherlock tenha a chance de vê-lo.

— Eu já o vi — disse uma voz concisa no topo da escada, e como minha beleza pessoal não exigia mais discussões, meu irmão mudou o assunto. — Você já leu a mensagem de nossa mãe?

Subindo as escadas para encontrá-lo, tentando não sorrir muito descaradamente, esperei até chegar a seu nível para falar. E então disse:

— Fiz algumas tentativas sem muito sucesso. Mas não se preocupe com isso por enquanto; há assuntos mais urgentes à mão.

— Que seriam...

— Descobri o que aconteceu com a Duquesa Del Campo, e sei onde poderemos encontrá-la.

Suas sobrancelhas reagiram, às notícias, pensei, até que ele disse:

— Nós?

— Reginald e eu, na verdade. Mas certamente você pode vir junto, se quiser.

Sherlock respirou fundo e soltou o ar antes de falar.

— Devo deixar passar. E admito que, enquanto já dominei o estudo das mentes criminosas, continuo lutando para ter a mais fina compreensão da sua. Aqui está você cheia de coragem mesmo tendo... por que você fugiu de mim de modo tão precipitado hoje cedo?

— Certamente é óbvio. Porque eu tinha assuntos urgentes em outro lugar, e sabia que você pretendia me deter.

— De fato — depois de me analisar por um momento como se eu fosse um espécime estranho, ele disse:

— Eu mudei de ideia, Enola, sobre seu futuro. Tenho pena de qualquer homem que venha a se casar com você. Na verdade, acho que talvez você não deva se casar.

Um assunto estranho, pensei, mas não me perturbou, pois concordava com ele.

— Venha, entre! — ele incluiu impacientemente, acenando para que eu entrasse em seu aposento, atirando alguns jornais para o lado e me oferecendo o lugar para sentar.

— Na verdade, eu gostaria de estudar em uma universidade — confidenciei, enquanto arrumava minha saia e Reginald se deitava aos meus pés. — O renascimento, os classicistas alemães, lógica, argumentação...

Com um olhar aflitivo, como se estivesse ficando com dor de cabeça, meu irmão me interrompeu:

— Você me prometeu notícias da Duquesa Del Campo.

— Realmente. Estive seguindo a velha que a atraiu para o metrô. Embora talvez haja centenas de mulheres enormes com queixos peludos e chapéus horríveis em Londres, aconteceu de eu conhecer uma desses tipos desagradáveis, e concentrei minha atenção nela.

De forma concisa, sem divulgar os meios pelos quais cheguei até ali, contei ao meu irmão sobre minha visita à loja da Sra. Culhane e o que encontrei: o vestido de Blanche fleur, sua sombrinha e suas anáguas.

— Você tem certeza que eram da duquesa?

Só um homem poderia fazer uma pergunta tão idiota. Ou talvez deva dizer que somente um cavalheiro, porque os homens das classes altas se vestem sempre igual — mesmo agora, na bagunça de seu aposento, encontro meu irmão uniformizado com a vestimenta completa de cidade com colete de risca de giz, casco preto, gola e colarinho impecavelmente engomados — lembrando tanto os pinguins, que talvez os próprios homens da classe de Sherlock achem impossível distinguir uma vestimenta negra de outra.

Entretanto, respondi gentilmente:

— Meu caro irmão, vestidos são tão distintos para mim quanto cinzas de charuto são para você. Tenho absoluta certeza.

— Você não conseguiu trazer algo como prova?

— Consegui, e trouxe — do meu busto tirei o fino lenço de linho com bordas de renda veneziana, e entreguei para ele. — Vi vários parecidos com esse no quarto da Senhora Blanchefleur. Você pode notar onde foi retirado seu monograma.

— Realmente. DDC. Duquesa Del Campo. — Evidentemente se esforçando para ajustar seu pensamento ao assunto, ele murmurou. — Me parece... apesar de improvável... mas por que diabos os bandidos escolheriam particularmente ela entre todas as mulheres que se vestem exageradamente em Londres?

A resposta surgiu para mim antes que percebesse que a conhecia.

— Por conta de seu excepcionalmente longo e luxuoso cabelo castanho.

Meu irmão me encarou como se eu estivesse falando suaflí, mas um arrepio em meus ossos me certificou que eu estava certa. Os bandidos não haviam levado apenas as roupas da Sra. Blanchefleur, mas também haviam raspado sua cabeça, provavelmente dobrando seus lucros.

— Você já comprou perucas — eu disse a Sherlock. — Você sabe como são caras. Temo em pensar no quanto paguei por esta que uso, pois o cabelo deve ter sido importado das garotas camponesas da Bavária que usam lenços na cabeça, ou inclusive podem ter sido tirados de uma condenada, as poucas que provavelmente tinham lindos cachos, ou vendidos por mulheres tão desesperadas que concordam em cortar suas gloriosas madeixas...

— Resumindo — Sherlock me cortou —, cabelos atraentes para perucas...

— E para extensões e coisas do tipo — concluí.

— ...é difícil conseguir e vender a um preço atraente.

— Realmente.

— Suponho que você deve estar certa — ele admitiu sem entusiasmo. — Então, aceitando a hipótese de que esta senhora Culhane e alguns cúmplices levaram a Senhora Blachefleur por conta de suas roupas e de seu cabelo... esta loja é em uma vizinhança muito ruim?

— Bastante.

— Algum assalto ou ferimento posterior pode ter feito com que sua volta para casa fosse impossível?

— Parece ser este o caso.

Ele saltou da cadeira, andou de lá para cá, o homem de ação.

— Devemos avisar à polícia agora mesmo.

— Meu plano — disse bem alto — é levar Reginald Collie e tentar que ele encontre o rastro do cheiro em seu lencinho.

À menção de seu nome, o velho cão se levantou e ergueu as orelhas.

Eu continuei.

— Você talvez tenha notado que a duquesa deixou um pouco de... hã... esplendor nasal sobre o tecido.

— Sim, minha cara irmã, Reginald é um collie, não um cão de caça!

Os olhos castanhos líquidos de Reginald iam de mim para meu irmão e voltavam, enquanto ele seguia a discussão.

— Verdade — admiti, mas imediatamente um pensamento melhor me veio. — E quanto àquele cachorro que você usou para rastrear o Solomon Islander, então? O cachorro que você pegou daquele sujeito velho que mantém texugos e ratos e coisas do tipo?

Sherlock parou para me olhar evidentemente chocado.

— Você esteve lendo as infernais e melodramáticas descrições que Watson escreveu de meus casos?

— É claro, se você considera *O Signo dos Quatro* algo infernal e melodramático. Acredito que o nome do cão era Toby.

— De fato era. E ainda é.

Encarando-me de um modo estranho, Sherlock fez uma pergunta absurdamente irrelevante.

— Enola, você falava sério quando mencionou o desejo de ir para a universidade?

— Eu... minha educação clássica é boa, mas tenho o sonho de aprender matemática avançada, literatura moderna e ciências tais como química...

Sherlock levantou as duas mãos em um gesto decidido como o de um diretor de orquestra exigindo silêncio antes da sinfonia.

— Nós iremos imediatamente pegar Toby, e eu irei com você para onde me levar, com uma condição: Mycroft também deve nos acompanhar.

Capítulo Décimo Quinto

Nada teria me surpreendido mais por ter me agradado menos. Levantando de meu assento pelo choque, fiquei imóvel e perplexa.

— Mycroft! Mas por quê?

— Não há tempo para explicar, Enola — Sherlock pegou a cartola, as luvas e a bengala. — Você concorda?

— Como posso? Ele tem o direito legal de me forçar...

— Dou-lhe minha palavra de honra como cavalheiro que irei preveni-lo quanto capturá-la ou coagi-la de qualquer modo.

— Você não o deixará colocar as mãos em mim?

— Prometo a você que não.

A palavra de Sherlock era inviolável. E, também, eu sabia que poderia fugir facilmente caso Mycroft fizesse qualquer coisa errada. Mesmo assim...

— Estou com uma leve sensação — disse a Sherlock. — De que esse é um de seus truques.

— Pode ser... — os cantos de sua boca se contorceram em um sorriso levado, o que não combinava com seu rosto distinto — ...em Mycroft.

— Ah! — esta informação, é claro, fez tudo ficar perfeitamente bem, e minha total curiosidade atropelou minha cautela. — Muito bem, então! — me despedi esfregando a cabeça de Reginald Collie. — Vamos de uma vez.

Toby, exatamente como Watson havia descrito, era um tipo de spaniel, com longos pelos castanhos e brancos, mas nada mais que lhe sugeria beleza. Deixamos o cão no táxi (Sherlock havia chamado uma sege; o que Sherlock queria, Sherlock conseguia), que nos esperou enquanto entrávamos no clube Mycroft para buscá-lo. A esta hora crepuscular do dia, pelo jeito, Mycroft cer-

tamente estaria no clube.

Ele não variava de sua órbita trabalho, clube e casa, do que o sol em seu nascente e poente. Como mulher, mesmo como a adorável Viola Everseau em seu delicado vestido amarelo, precisei esperar na antecâmara, e Sherlock esperou comigo enquanto um empregado experiente (já que esta não era uma tarefa pequena) entrou para chamar Mycroft. Vários minutos se passaram antes que o indivíduo carrancudo aparecesse. Enquanto isso, Sherlock retirou meu cartão do bolso de sua camisa e me devolveu.

— Faça sua parte, senhorita Viola Everseau.

Oh-oh. Sherlock queria ver quanto tempo demoraria para Mycroft me reconhecer. Segurei minha sacola à minha frente com as duas mãos enluvadas, inclinei a cabeça para frente, e coloquei no rosto um sorriso afetado.

Quando Mycroft irrompeu em seguida, resplandecente com sua gravata branca, o imenso colete azul royal e um casaco longo, sequer olhou para mim.

— Sherlock — ele latiu, irado. — Você sabe como desprezo ser perturbado em meu...

— Extremamente necessário, lhe asseguro, caro irmão.

Sherlock o interrompeu com um tom tão suave que amaciou Mycroft como uma colher de açúcar sendo despejada em uma panela de canela quente.

— Mycroft Holmes, permita-me apresentar-lhe a senhorita Viola Everseau.

Mycroft se virou para mim com a mais inadequada das reverências, e eu entreguei a ele meu cartão.

— Muito prazer em conhecê-la — disse, soando nem um pouco satisfeito.

— A senhorita Everseau precisa de minha ajuda — disse Sherlock. — E de outro homem capacitado. Como Watson não está disponível, vim até você.

— Capacitado — Mycroft rosnou como se houvesse sido insultado.

— Oh, por favor, senhor Holmes — com meu mais doce soprano, tremulei a voz para Mycroft: — Certamente não se recusará a ajudar uma dama em perigo?

Sua boca se abriu, mas não se seguiu uma resposta. Em vez disso, parecia que ele havia comido algo que o desagradou.

— Vamos, vamos, Mycroft — repreendeu Sherlock. — Será por apenas algumas horas, e estou com um táxi esperando.

Ouvindo a deixa, o astuto empregado apareceu com o amplo casaco de

Mycroft e lhe entregou. (Alguém deveria explicar porque essa vestimenta apropriada não conhece as estações do ano. Mesmo no calor do verão um cavalheiro deve usar seu casaco, assim como as damas devem usar chapéu e luvas.) Sherlock pegou o chapéu de Mycroft etc., para ele, imediatamente guiando seu grandioso irmão porta afora, enquanto eu também deslizava na sua direção.

— Para onde, senhorita Everseau? — ele me perguntou, quanto chegamos perto do táxi.

— Kipple Street em Saint Tookings Lane — murmurei, como se fosse incapaz de dizer tal destino para o condutor.

Sherlock Holmes entendeu.

— O Distrito Leste? E com um cachorro? — Mycroft reclamou, já no táxi, tomando o cuidado de se sentar do lado oposto de Toby. — Enquanto isso, Sherlock me ofereceu a mão e me ajudou a subir cuidadosamente, como se fosse feita de cristal Waterford. Fingindo uma repugnância feminina por conta de Toby, me sentei ao lado de Mycroft, onde seria certeza que sentiria a fragrância de meu caro perfume de lírio e lavanda.

Sherlock se esticou no banco oposto, acariciando o cachorro e, sem dizer nada, enquanto o táxi partiu sem nada mais além do grau habitual de pulos e solavancos.

O silêncio durou por algum tempo, até que aparentemente por curiosidade, ou coragem, ou porque meu perfume fez brotar o melhor de Mycroft, ele virou sua imensa cabeça na minha direção.

— Qual, se me permite perguntar, é a natureza de sua dificuldade, senhorita, ah...

Eu apenas balancei a cabeça e sorri.

— Everseau — ofereceu Sherlock do assento oposto. — Senhorita Viola Everseau, cujos pais são grandes amigos de nossa mãe.

— O que me fez lembrar! — Mycroft se inclinou na direção do meu irmão. — Você soube algo de Enola a respeito da comunicação da qual me contou?

— Ainda não.

— Maldição, Sherlock, eu queria que tivesse me consultado antes de entregar qualquer correspondência para aquela garota espantinho bárbara e patife...

Sherlock olhou para mim com uma inconfundível piscada de olho.

Mycroft continuou reclamando:

— ...nossa rude irmã, tão travessa quanto o filhote de um terrier que não pode ser domesticado...

Não consegui resistir mais.

— Calma, calma — disse com minha normal, e aí de mim, bastante distinta voz. — Certamente ela é pelo menos parcialmente domesticada e não mais travessa, ou bárbara, do que outros membros da sua família às vezes demonstram ser...

Como se ele fosse um fole, todo o ar pareceu sair repentinamente de seu corpo enquanto ele se virava para me encarar.

— ...por exemplo ao falar de um assunto de família tão delicado na presença de um estranho — concluí serenamente, totalmente ciente que meu encantador chapéu cigano, meus adoráveis brincos de pérola e meu colarinho franzido e perfeitamente engomado estavam em seu campo de visão. Esbocei meu mais recatado sorriso por um momento, antes que soltasse a risadinha menos feminina.

— Enola? — engasgou Mycroft.

— Sinceramente sua, meu caro irmão.

— Enola! Mas... eu nunca! O que... como... em nome de...

Mas, nesse momento, o táxi parou, e o condutor vociferou com um tom entediado:

— Kipple Street.

Capítulo Décimo Sexto

Saltando para fora com minha bolsa na mão, a abri enquanto Sherlock pagava o táxi e o dispensava. Mycroft ficou parado como um pedaço de madeira enquanto eu entregava a ele uma lanterna e alguns fósforos. Tendo planejado apenas a companhia de um irmão, não dos dois, fiquei com a outra lanterna; Sherlock trouxera sua bengala mais pesada, uma excelente arma. Como estava cuidando de Toby, entreguei a ele o lençinho da Duquesa Del Campo, e então enfiei meu chapéu cigano junto com minhas luvas e minha peruca cara dentro da bolsa, e cobri meu vestido amarelo brilhante com um casaco negro leve que havia trazido com este propósito. Calculadamente mal arrumada agora, com meu cabelo cor de pântano preso em um coque meio solto na cabeça, me virei para meu irmão mais velho com um sorriso.

— Agora, Mycroft, pareço-me mais com sua irmã renegada? — como não havia me lembrado, tirei a pequena marca de nascença do rosto e joguei na bolsa. Mycroft parecia sem fala — uma condição incomum para ele.

— Então, Enola, onde começar? — Sherlock me perguntou.

— Descendo o Thames.

Com a sacola em uma mão e a lanterna na outra, eu os guiei naquela direção.

— Me parece — expliquei — que eles a trouxeram do metrô por um desses velhos esgotos que os *Mud larks* e os *Toshers* usam...

— A trouxeram? — explosivamente Mycroft recobrou seu poder de discursar. De quem...

— Duquesa Blanchefleur Del Campo — Sherlock esclareceu. — Enola, você acha que depois de roubar suas roupas, voltaram com ela para as valas e

docas?

— Eu não sei. Mas certamente não poderiam mantê-la na loja, não é?

— Dificilmente.

Algo no tom de Sherlock me fez pensar que ele não levava nossa busca tão a sério, mas estava, compreensivelmente, aproveitando. Eu, por outro lado, enquanto me divertia com o embaraço de Mycroft, me sentia seriamente determinada a encontrar a Duquesa.

Pisando leve, em silêncio e alerta, os levei metrô abaixo, atravessando uma teia de becos que nos levaria até o rio... embora seja verdade, uma palavra tão bonita como “rio” passa a imagem errada do que é o Thames, que estava mais para um esgoto sujo e fedido que enchia o ar ou afundava nas águas do oceano. A água repulsiva e lamacenta escondia ratos afogados, gatos mortos e, ocasionalmente, crianças decompostas ou outros corpos humanos. As margens eram lugares podres onde formas desprezíveis de seres humanos residiam.

Descendo por um beco escuro e escarpado entre construções cheirando a piche, hesitei, me lembrando de algo que temia. Certamente, mais à frente poderíamos ver os mastros dos navios contra a escuridão iluminada do céu, e emergimos do beco e nos reunimos em uma fraca e bamba doca na beira do Thames.

Imóveis por um momento, todos nós apenas escutamos — e olhamos, até onde chegava a iluminação da lanterna — esperando algum perigo.

— Já estive aqui antes — sussurrei.

— Quando? — Sherlock perguntou, mantendo a voz baixa.

— Na minha primeira noite em Londres — em um tempo menor do que levei para dizer isso, me lembrei daquelas horas terríveis mantida em cativeiro junto com o pequeno Lorde Tewksbury no casco de um barco, minhas mãos e pés atados, meus punhos ensanguentados, enquanto tentava esfregar uma das cordas em um dos suportes de ferro do meu corpete rasgado. E então a luta pela liberdade, e depois correr, correr pela noite, indo devagar por causa do pobre Tewky com seu pé machucado e descalço...

— Do que você está falando? — Mycroft resmungou.

— Eu fugi de uns decapitadores por esta região.

— Ah, que confortante.

— Por aqui — sussurrei, virando ao acaso para minha direita, fugindo da

lembrança. — Ao longo de toda a costa escura havia armazéns, visíveis apenas por causa das luzes das tavernas das esquinas. O solo era viscoso e desigual ao longo do rio. Um lugar desprezível. Bem o tipo de lugar onde a Sra. Culhane e seus amigos brutamontes podem ter largado a desafortunada duquesa.

— Vamos ver o que Toby pode fazer com o lencinho, Sherlock.

Uma das coisas que mais gostava em Sherlock era seu jeito de lidar com cães e cavalos. Quanto a Toby, ele parou onde estava e se abaixou para conversar com ele, o acariciando e o bajulando para que se interessasse antes que ele tirasse o tecido quadrado e de seda fina do seu bolso e o colocasse no centro das narinas do cão. Depois que Toby o farejou pensativamente, Sherlock se levantou e prendeu uma coleira bem longa ao pequeno, lhe dando liberdade. Com um modo de andar estranho e manco, o cão correu pela noite, saindo do campo de iluminação de nossas lanternas.

— Bem, pelo menos ele não está nos guiando até você, Enola — Sherlock observou, enquanto seguíamos a coleira. — Seu cheiro também está no lenço, você sabe.

— Sim. E o seu. E o da senhora Culhane.

— Maldição, Enola, há algo em sua presença que engana minhas faculdades mentais... Deveríamos ter parado na residência do Duque Del Campo e pedido por algo que tivesse mais o cheiro da duquesa, e só o cheiro dela.

— E o que você acha que eles lhe dariam, as calcinhas que não foram lavadas?

— Enola! — Mycroft protestou enrubescido, pois eu havia acabado de mencionar coisas proibidas em sua presença masculina. Eu o ignorei, tentando cansar Sherlock.

— Para qual propósito você iria dizer que precisava de tal item?

— Explicações teriam levantado falsas esperanças e de fato questões demais — ele respondeu, suspirando. — Você está certa, Enola. Apesar disso, seria uma maravilha se Toby não nos levasse até a loja da senhora Culhane.

— Seria mais do que uma maravilha, seria quase um milagre, se ele encontrasse algo que nos ajudasse — admiti. — Mas deve-se tentar.

— E eu? — veio a voz rabugenta lá de trás. — Por qual razão eu estou aqui realmente, Sherlock, poderia me dizer?

— Tudo se tornará claro, meu caro irmão. Tudo se tornará claro.

Capítulo Décimo Sétimo

Algumas horas depois, tal claridade abençoada ainda não havia ocorrido. Com o otimismo característico dos cães, Toby nos levou aos tropeções ao longo da imunda e irregular margem do Thames, nos puxando para dentro de cada sarjeta, corrente, fenda e boca de bueiro concebível. Na verdade, acabou nos levando de volta para o ponto por onde entramos, na direção do estaleiro onde se centrava minhas terríveis lembranças. Foi apenas a dificuldade de respirar de Mycroft — pois não estava acostumado a exercícios físicos — que o impediu de reclamar enquanto nos aproximávamos do túnel, na verdade, um leito seco, por onde já havíamos passado antes — Toby ficou alerta, mas com a cabeça no ar, e não com o focinho no chão.

Fora isso, eu não conseguiria explicar meu alarme imediato, embora a vida nas ruas nos dote de uma certa sensibilidade que nos avisa quando há problemas.

— Dentro do túnel — sussurrei veementemente, pegando cada um dos meus irmãos pelo cotovelo e os puxando para lá.

— Desliguem as lanternas! — não havia necessidade de perguntar sobre o cachorro, pois quando paramos juntos sob a densa sombra, senti Toby se sentando aos meus pés, seu corpo peludo tenso, apreensivo.

Não houve necessidade de pedir para que ninguém fizesse silêncio completo, com exceção de que me abaixei para colocar a mão em volta do focinho de Toby.

Escutamos passos subindo a margem do rio na direção das docas.

E vozes.

Alguém se aproximava.

Em menos de um minuto ouvi duas vozes, uma era aguda e alta, a outra rouca e lenta, com a calma de alguém de idade, mas mesmo assim — era uma mulher? E por que pensei que a voz soprano aguda era de um homem? As duas me soavam familiar, embora não as reconhecesse.

Especialmente quando a voz mais grave me assustou pelo jeito rápido, nervoso e excedendo as palavras horríveis

— ... já estou farto dela — concluiu.

— E ela de você, eu percebi — respondeu a voz aguda.

— Então por que diabos ela não vai embora? (Eu parafraseei a palavra “diabos” sendo um eufemismo em consideração à sensibilidade do gentil leitor). Toda vez que saio de casa, lá está ela deitada, como um peixe, na imundice dos estábulos...

— Bem, o que esperava, foi você que a colocou aqui, não foi? — interrompeu a voz aguda.

Uma voz aguda! O magricelo!

Eu quase soltei um grito agudo quando reconheci o tom de rato do violento degolador que quase me matou no verão passado.

— Isso não tem nada a ver, você... — e mais maldições encheram meus ouvidos e interromperam minhas memórias desagradáveis. — Eu não achei que alguma mulher pudesse xingar tanto, nem mesmo...

Os dois entraram em nosso campo de visão, fazendo a volta em um banco de areia que havia no caminho ao lado do rio; o maior, que se parecia com uma tartaruga, levava uma lanterna.

Nem mesmo a Sra. Culhane.

Pois, sem sombra de dúvida, era a Sra. Culhane, com o desprezível Magricelo ao seu lado.

— É ela — murmurei no ouvido de Sherlock, esperando fervorosamente que ele entendesse, pois não ousaria dizer mais nada. Estremecendo, recuei para as sombras. Mycroft havia conseguido recuperar sua respiração, graças a Deus. Ele e Sherlock se mantinham em perfeito silêncio enquanto os dois vilões passavam perto.

— ...a vizinhança inteira está cuidando dela, e vai sobrar para eles se a polícia ficar sabendo — disse a Sra. Culhane concluindo sua reclamação. O gentil leitor irá entender que mudei algumas palavras em vez de repeti-las.

— Maldita criadora de confusão, ficando por lá e se fazendo de vítima em

vez de fugir como deveria.

Neste momento, eles estavam passando bem em frente do nosso esconderijo. Pensei na adaga escondida no busto de meu corpete, me preparando mentalmente, pois se um deles desviasse o olhar para nossa direção enquanto desviava a lanterna para nos iluminar, teria que sacá-la bem rápido.

— E o que você quer que eu faça com ela? — perguntou o Magricelo.

— Bem, se livre dela.

— Você quer que eu arranje alguém para dar um fim nela, ou quer que eu mesmo faça?

Matá-la, ele queria dizer, e sua repentina boa vontade fez o cabelo da minha nuca arrepiar. Felizmente, também fez a Sra. Culhane olhar diretamente para ele, e apenas para ele, enquanto os dois passavam por nosso esconderijo.

— Faça o que achar melhor — ela disse. — Não me importo. Eu não quero saber nada. Apenas se livre dela.

— Atrás deles — sussurrei, depois que a dupla maligna passou por nosso refúgio. Na verdade, Sherlock já estava se arrastando para a frente. Ele sempre usava um tipo de botas macias, e possuía uma graça felina no movimento dos pés; não temia que o escutasse, mas, entretanto, temia que me ouvisse, pois tais situações parecem trazer à tona o pior da minha falta de elegância. Dei um tempo para Sherlock, antes de começar a segui-lo, segurando a coleira do Toby, mas deixando minha lanterna para trás, caso ela caía ou faça ruído ao me mexer. Mycroft, seguindo meu exemplo (surpreendentemente!) fez o mesmo, me seguindo a uma distância discreta e andando, certamente, com o máximo de cuidado, pois nossa única iluminação eram as lâmpadas a gás de Londres, pobremente refletidas nas nuvens baixas, além da lanterna da Sra. Culhane lá na frente.

E assim, nesta escura e oculta procissão, seguimos ao longo do Thames por uma curta distância antes de fazer a curva no alto da colinha, na direção do exato lugar onde começamos: ou seja, Kiplle Street. Bem antes de chegarmos lá eu havia adivinhado para onde íamos. Eu conhecera os estábulos atrás da loja da Sra. Culhane no mesmo dia infeliz do verão anterior, quando fugi passando pelo galpão das vacas, o estábulo desorganizado do burro, o curral dos bodes, e através de uma multidão de galinhas e gansos escandalosos em meu desespero para fugir do Magricelo e de seu ainda mais medonho companheiro degolador.

Mas, primeiro, chegamos à Kipple Street, alternadamente iluminada pelas poucas lâmpadas de rua que permaneciam inteiras. Chegando ao pavimento, em vez de seguir para a área iluminada, Sherlock parou na sombra do prédio de esquina, esperando por mim. E, suponho, Mycroft. Mas, na minha pressão, não tive tempo de pensar em meu corpulento irmão que me seguia. Espiando em volta, na esquina do prédio, observei Magricelo e Sra. Culhane virando, a caricatura de um casal a passeio, na Saint Tooking's Lane.

— Já sei como me livrar deles. Venham! — Ofeguei atrás de Sherlock, e, com o cachorro ao lado, atravessei correndo a rua até um beco que nos levaria diretamente aos estúbulos.

Atrás de mim escutei alguém, acho que Mycroft, censurando.

— Repugnante! A garota ficou doida? — pois como é da natureza de tais becos, este estava cheio de excrementos odoríferos de todos os animais domésticos antes mencionados, e de muitos mais. O lugar mais indesejável para se escorregar e cair. E eu tentei não fazer isso, enquanto seguia correndo para o que não parecia ser mais do que escuridão e fedor, se não fosse pelo brilho fraco de uma lanterna se aproximando pela Saint Tookings Lande. A Sra. Culhane...

Não consegui terminar o pensamento de que ela e seu acompanhante haviam pegado o caminho um pouco mais longe, mas melhor para se andar. Engasguei.

Sob a pouca luz pude ver algo pálido... algo, ou alguém, pois parecia ser uma figura humana... reclinada na sujeira.

Imóvel.

De fato, tão imóvel e pálida quanto um cadáver envolvido em uma mortalha.

— Meu Deus, era Blanchefleur — o frágil filamento feminino —, será que ainda estava viva?

Capítulo Décimo Oitavo

Não dava para ver!

Nem quando, um segundo depois, a Sra. Culhane e seu companheiro assassino apareceram, e então pararam sobre ela. Nem quando a luz de sua lanterna caiu inteiramente sobre ela pude discernir qualquer movimento.

Correndo na direção deles, meus passos eram abafados pelas sujeiras mais indescritíveis, tentei conter a respiração e ouvir, mas ainda não estava perto o suficiente, não conseguia ouvir o que diziam. Mas vi a Sra. Culhane colocar a lanterna no chão, se virar e sair com seu modo de andar se balançando habitual.

Vi a forma no chão, que poderia estar viva ou morta, era uma mulher, extraordinariamente magra, não vestindo nada além de uma camisola. Vi que ela se moveu lentamente, como se tentasse levantar a cabeça.

Estava viva!

E então vi o Magricelo sacar sua faca para matá-la.

— Não! — berrei, largando a coleira de Toby para liberar minhas mãos, aumentando minha já impulsiva velocidade para alcançá-lo.

— Pare! — me aproximava rapidamente dele, mas ainda assim não estava perto o suficiente para impedi-lo de nenhuma outra forma a não ser gritando. — Assassino! Polícia!

E, então, enquanto ele olhava ao redor, bastante surpreso, procurando a fonte dos gritos, arremessei minha bolsa — na falta de uma arma melhor — com uma força desesperada em sua cabeça.

Ele se abaixou, e a bolsa passou direto, lógico, mas isso me deu tempo suficiente para ficar frente a frente com ele, com minha adaga nas mãos.

Seu lábio se abriu soltando um rosnado de cachorro enquanto ele se encolhia, as lâminas se ameaçando, nossos pés se movendo lentamente formando um círculo. Ele me reconheceu:

— Você de novo. Você tá morta — ele disse.

— Me ajude — implorou uma foz fraca vinda do chão. — Por favor, me ajude.

A distração chegou perto de “acabar comigo”. Enquanto olhava para baixo, Magricelo me atacou.

Tentei desviar tarde demais. A faca do degolador veio na direção de meu pescoço indefeso — mas, no momento crucial, uma bengala desceu com grande força sobre a mão de Magricelo, e ele gritou, enquanto sua arma caía de seus dedos. No segundo seguinte, Sherlock havia dominado o pequeno vilão, torcendo seus dois braços e prendendo-os nas costas.

Abri a boca para agradecer meu irmão, mas não houve oportunidade, pois nesse exato momento uma forma enorme, usando um chapéu horrível, se arremessou nos ombros de Sherlock. A Sra. Culhane estava de volta. Perdendo o equilíbrio com o impacto de seu peso, Sherlock quase caiu. Ah, droga! Ele perdeu o controle do prisioneiro, que na mesma hora se colocou de pé. Tentei soltar a Sra. Culhane dos ombros de meu irmão; ela me golpeou de lado e me lançou para o chão. Mas alguém quase tão enorme quanto ela agarrou seu braço. Mycroft a puxou com violência para longe de Sherlock, atirando seu traseiro gordo na sujeira do chão.

Não pude me satisfazer olhando essa cena no momento, porque minha preocupação estava em outro choro fraco vindo do chão. Me ajoelhando ao lado da moça deitada de bruços, segurei sua mão imunda na minha.

— Vossa Graça?

Levantando o olhar para mim, ela confirmou, e, de fato, nem mesmo as camadas de sujeira foram capazes de obscurecer a beleza floral de seu rosto, embora seus gloriosos cachos tivessem sumido, deixando apenas um milímetro ou dois de pelos curtos endurecidos pela lama. Aquela era a Duquesa Blancheffleur.

— Ajude-me — ela sussurrou.

— Estamos aqui para isso — eu lhe assegurei. — Mas o quê... você está ferida.

Ela balançou a cabeça.

Toby, o paradigma dos rastreadores (de acordo com *O Signo dos Quatro*), se aproximou e farejou a duquesa sem demonstrar o menor reconhecimento.

— Você está fraca? — perguntei à senhora. — Com fome?

— Não, nem um pouco! — seus adoráveis olhos se abriram, muito sérios. — Os pobres dividiram seu pão comigo. Os mais pobres dos pobres, em farra-
pos, tiveram pena de mim.

Sentindo a mesma coisa, retirei uma das barras de doce energéticas que sempre trazia comigo e a coloquei em sua boca, enquanto Sherlock se agachava do outro lado, e Mycroft. Não vi mais a Sra. Culhane. Aparentemente, ela havia sabiamente se retirado.

— Mas quero ir para casa — disse Lady Blancheffleur, de modo bem simples, suas palavras causavam compaixão apenas pelas circunstâncias em que ela se encontrava. — Você me leva para casa?

— Viemos aqui fazer isso — disse Sherlock. — Posso ajudá-la a se sentar, minha senhora?

— Ah, não. Não consigo me sentar, ou ficar em pé, não sozinha — ela parecia um pouco sem ar, como se estivesse em choque, como se o ato de sentar ou ficar em pé sozinha fosse indecente.

— A não ser que alguém possa me levantar...

Suas palavras se arrastaram, e podia-se ouvir o rubor de embaraço nelas. Desviando o olhar de meus irmãos, ela me olhou implorando.

— O quê? — perguntou Mycroft com muito pouca da sua aspereza habitual. — Que diabos você precisa?

Desviando de sua pergunta, ela sussurrou para mim:

— Tentei desviar... mas mesmo isso foi... impossível. Minha cintura.

E então me lembrei do diabólico corpete que eu havia visto pendurado na loja da Sra. Culhane. Blancheffleur havia usado tal corpete, conforme suas damas haviam me dito, desde a infância.

De fato, baixei o olhar e vi a cintura de uma garota de seis anos. Nunca antes havia tido a prova, mas minha mãe havia lido para mim em um desses jornais da reforma das vestimentas sobre tal... tal mutilação...

— Ah meu Santo Cristo! — explodi, subitamente furiosa, embora não com a infeliz garota. Desviei o olhar de seu corpo inclinado, tosado e deformado para meus irmãos.

— Tenho certeza de que ela frequentou as melhores escolas preparatórias,

Mycroft!

— Mas que diabos...

— Sua pobre cintura, comprimida a ponto de que sua figura fosse... — Não consegui lembrar a palavra, atrofiada, e isso me deixou mais nervosa. Toda sua força arrancada em nome da aparência, agora ela sequer pode sentar, ficar em pé ou andar, a não ser que se encaixe em um desses aparatos infernais de tortura!

A Sra. Blanche fleur começou a chorar, silenciosa, mas eloquentemente.

Nunca havia visto Mycroft tão confuso, mas Sherlock, como já havia sido submetido a uma boa aula dada por Florence Nightingale, compreendeu.

Na verdade, como era de se esperar, Sherlock tomou a dianteira da situação.

— Silêncio, Enola. Já falou demais. Pode me emprestar seu casaco?

Mordendo o lábio para silenciar minha raiva, me levantei, tirei meu casaco já imundo e entreguei a ele.

— Agora, Vossa Graça, devo lhe carregar. Mycroft, levante os ombros dela, por favor. Pronto, está vendo, eu lhe disse que nossa missão requeria dois homens fortes.

Na verdade, uma vez que duquesa estava envolta em meu modesto casaco, Sherlock a levantou facilmente, ela era uma coisa tão frágil, seu peso tão pouco. Ele se virou para o oeste, na direção da cidade. Mas depois vagamos pelos cortiços por uma boa distância sem acharmos um táxi — na verdade teria sido difícil encontrar um táxi em qualquer lugar, já que talvez fosse quatro da manhã — ele se virou para Mycroft e disse, quase como se os dois garotos estivessem no meio de uma brincadeira:

— Sua vez. Tome.

Ele entregou a moça para Mycroft, e para seu crédito, ele a segurou com gentileza e firmeza.

Ainda não havíamos visto um táxi ou nenhum outro meio de transporte. Sem dúvida, as ruas do Distrito Leste não estavam desertas, não no verão, mas os bêbados e outros habitantes, ladrões e moças da esquina, ficavam longe de nós: dois aristocratas carrancudos carregando o que parecia ser um corpo sem vida, enquanto eu os seguia, era uma bela visão tenho certeza, com meu vestido amarelo cheio de lama, com meu rosto, mão e cabelos bagunçados, carregando uma sacola e levando um spaniel manchado pela coleira.

Mycroft entregou a Duquesa Blancheffleur novamente a Sherlock, e assim continuamos por quilômetros, enquanto eles a carregavam em turnos.

Durante toda essa longa experiência, meus dois irmãos se mantiveram em quase completo silêncio, e Sherlock, na liderança, como sempre, parecia ter se esquecido que eu existia. Mas Mycroft andava ao meu lado, e senti que frequentemente me lançava olhares.

Enfim, ele falou:

— Enola. Quando, mais cedo, Sherlock me disse que tudo se tornaria claro, ele estava falando de você?

Na verdade, eu não tinha ideia do porque Sherlock insistira em trazer Mycroft junto. Portanto, não tinha resposta para a sua pergunta. Mas como Mycroft esperava sério por minha resposta, uma súbita risada irrepreensível explodiu de mim.

— De fato — disse. — Considerando a condição do meu cabelo, meu rosto, e minha aparência nesse momento, raramente uma mulher se tornaria clara.

Escutei a risada de Sherlock. Mas Mycroft me encarou, mais solene do que nunca, e, naquele momento, para minha surpresa, senti que gostava um pouco dele.

— Exatamente — ele disse. — No verão passado conheci uma garota tão mimada quanto negligenciada parecida com uma vareta, ou foi o que me pareceu. E agora vejo uma mulher extraordinária. Nada está claro, nada mesmo, pois você continua com quatorze anos de idade.

— Quinze — respondi pensativa. — Em alguns dias.

Eu estivera pensando no meu aniversário que se aproximava, sem muita alegria.

Os olhos de coruja de Mycroft se arregalaram ainda mais.

— Verdade?

— Sério? — exclamou Sherlock ao mesmo tempo. — Já fez um ano?

— Quase um ano desde que minha mãe fugiu com os ciganos? Sim.

Dizer isso me fez lembrar da mensagem de minha mãe que carregava, ainda sem ler, sobre meu coração, e senti uma dor familiar. De algum modo intensificada sob tais circunstâncias.

— E ainda não acredito que nossa mãe pode... — Mycroft começou, pois aparentemente Sherlock havia discutido com ela sobre os ciganos.

Mas Sherlock o silenciou.

— Eu o obriguei a nos acompanhar esta noite, Mycroft — ele disse calmamente para o irmão mais velho. — Para que você conhecesse melhor Enola, a visse em ação, e talvez tire alguma luz dessa experiência.

Ele parou de forma significativa, se virou para Mycroft e lhe entregou a indefesa e aparentemente desmaiada Duquesa Blancheffleur.

— Você tirou alguma?

— Este é um momento extremamente inconveniente para uma conversa dessas — rosnou Mycroft.

— Realmente — concordou Sherlock plácido, enquanto Mycroft seguia adiante com seu fardo, e se colocava ao lado dele. — Quando você achar conveniente, então?

Mycroft disse algo maldoso, embora justificável dadas as circunstâncias, que não irei repetir.

Silenciosa e lentamente seguimos em frente.

Capítulo Décimo Nono

A aurora alvejou o céu por trás das chaminés quando finalmente chegamos na Bomba de Aldgate, uma das monstruosidades higiênicas de Londres, marca não oficial de que estávamos saindo do imundo Distrito Leste para entrarmos na cidade. No ponto de táxi adjacente, alguns poucos condutores sonolentos já haviam chegado, e Sherlock conseguiu nos assegurar uma sege. Enquanto ele deitava a Duquesa Blancheffleur gentilmente sobre um dos assentos, ela se mexeu e abriu os olhos.

— Aconteceu como sempre achei que seria — ela murmurou. — Em seus corações, as pessoas são verdadeiramente boas. Obrigado.

— Você merece toda a bondade — eu disse a ela, enquanto lhe dava outro doce.

Nem Sherlock a corrigiu a relembrando da “bondade” da Sra. Culhane ou do Magricelo. Em vez disso, ele se virou para mim.

— Enola, posso perguntar como você se envolveu com esse assunto?

— Claro que pode perguntar — respondi, e embora estivéssemos todos muito fracos da noite agitada, espero que meu sorriso tenha expressado a ternura que sentia por ele. — Mas vou declinar de responder.

Ele ergueu os olhos para o céu rapidamente antes de falar novamente.

— Deixe-me reformular a frase. Você é conhecida do Duque Luis Del Campo e de sua família?

— Sou conhecida por eles como uma mulher gentil e preocupada.

— Então acho que seria menos doloroso para os familiares se você, e apenas você, fosse até a casa da Duquesa Blancheffleur.

— Deixando os olhos masculinos fora do assunto, você quer dizer.

— Exatamente. Espere um pouco — tirando a coleira de Toby de meu braço e entregando para Mycroft, ele caminhou a passos largos até a Bomba de Aldgate, pegou um lençinho (sem bordas de renda — o seu era do tipo masculino), o ensopou de água, voltou para mim e começou a esfregar meu rosto como se eu fosse uma criança. Extremamente cansada e pega de surpresa, fiquei parada como uma manequim de loja por alguns minutos antes de reagir, empurrando-o e pegando o lençinho para terminar eu mesma o trabalho, tirando a lama e a sujeira de meu rosto e mãos.

— Não ficou tão ruim — Sherlock disse desconfiado, depois que coloquei minha peruca e o chapéu para cobrir meu terrível cabelo. — Você precisa da marca de nascença?

— Não.

— Até que nos encontremos de novo, então.

— Sim. Uma vez que este assunto esteja encerrado, pretendo dormir até amanhã.

Joguei minha sacola para dentro do táxi. Mas, quando coloquei meu pé no degrau para entrar, Mycroft falou pela primeira vez:

— Espere!

Pobre Mycroft, eu havia quase me esquecido de que estava ali. Com um remorso instantâneo me virei para ele.

Toda sua arrogância e loquacidade habitual haviam desaparecido em meio às dificuldades da noite. Ele falou rudemente, mas com uma simplicidade quase infantil.

— Quando voltaremos a vê-la?

Tão calorosa foi a inesperada explosão de afeto que senti por ele que tive de me lembrar de que ele não havia feito nenhuma promessa e eu não podia confiar nele. Depois de um momento, respondi:

— Eu não sei. Ficarei em contato. Prometo.

— Tenha a bondade de notar que não chamei um policial para te prender pelas mãos — ele respondeu, voltando um pouco ao seu habitual mau humor.

— Eu notei, acredite em mim — respondi honestamente.

— Sendo este o caso, porque não concordamos e...

— Estou muito cansada, Mycroft, incapaz de raciocinar. Não ousaria concordar com nada.

De repente, Sherlock falou com uma incoerência nada comum para ele.

— Enola. Seu aniversário!

Me virei para ele realmente perplexa.

— Meu aniversário? O que tem ele?

Nenhum deles nunca havia se preocupado com meu aniversário.

E os dois pareciam ter perdido toda a eloquência habitual. Como se estivesse com dificuldade para completar um pensamento, Sherlock pensou.

— Estaremos juntos.

— Para quê?

— Todos os três — Mycroft disse trabalhosamente.

Não para celebrar, certamente, o dia que nossa mãe fugiu.

— Não consigo imaginar nenhum de vocês me oferecendo bolo ou presentes. Por que...

Mas deixei a pergunta incompleta, em parte porque eu própria não conseguiria, naquele momento, encarar minhas emoções confusas, e também porque — estranho para a filha de um estudioso da lógica — me lembrei do que a cigana havia me dito: que eu estava fadada a ser eternamente sozinha... a não ser que escolhesse desafiar o destino.

Juntos. Todos os três.

Ou mais segura sozinha?

A decisão era minha.

— Enola? — Mycroft perguntou.

Cansada demais para pensar nisso, confiei no impulso de meu coração: concordei.

— Baker Street? Sherlock?

— Baker Street, absolutamente, na hora do chá. Leve o *skytale*.

Aquele assunto simples estava decidido: nós três nos encontraríamos novamente em — tanto meu aniversário quanto o aniversário do desaparecimento de nossa mãe. E nós três tentaríamos decifrar o que havia sido feito dela.

Um pensamento amargo. Mas apenas respondi:

— Muito bem — acenei, e entrei no táxi para levar a Duquesa Blanche-fleur para sua casa em Oakley Street.

Ajeitei sua extremamente suja e lamentavelmente raspada cabeça em meu colo, enquanto segurava sua mão. Algumas vezes, durante a viagem, ela abriu os olhos, mas apenas para me lançar um sorriso angelical e os fechar novamente.

Quando chegamos à mansão moura do duque, ainda era muito cedo, havia apenas um tráfego sonolento nas ruas e nas calçadas. Apesar disso, bati para que o condutor descesse, e então disse a ele para que parasse nos fundos da residência dos Del Campo, como um entregador. Poucos olhos nos veriam ali, e tenho certeza de que o Duque Luis Del Campo preferia (eu preferiria, por razões diferentes) que os detalhes sobre onde estava Blanchefleur durante sua ausência se mantivesse longe dos jornais.

Assim que paramos perto da porta da cozinha, uma cozinheira veio correndo, censurando, e então gritou como um guinéu quando abri o táxi e viu a cena ali dentro.

— Vá buscar seu patrão — eu disse a ela. — E Mary...

Céus, eu não conseguia lembrar de seus nomes, apenas Mary de Magdala, Bethania, Nazareth, e Mary das Flores, e nenhum deles serviria.

— Peça para as damas de companhia da Duquesa Blanchefleur descerem e rápido. E seja discreta — inclui sem dar importância, enquanto ela corria se esgoelando como um filhote de porco.

O duque apareceu primeiro. Nos dias que se seguiram fiz tantos desenhos divertidos deste nobre cavaleiro, seu cabelo negro parecendo com um grupo de girinos, fugindo de sua toca de dormir, com seus tornozelos magros e os pés descalços se projetando abaixo da borda da camisola; é verdade que sua natureza de sangue quente não lhe permitira parar sequer para vestir os chinelos ou o roupão. E então chegaram... Mary em chenile, e Mary em flanela; eu ainda não conseguia me lembrar Hambleton ou Thoroughcrumb ou qual era qual, nem se isso importava. Elas berraram e choraram. O duque, para seu crédito eterno em minha mente, beijou com vontade sua esposa diversas vezes, mesmo com seu rosto completamente imundo.

Entretanto, não me parecia que os passos mais práticos estavam em ordem. Pagando o táxi, sugeri ao duque que levasse sua esposa para dentro, e ele a levantou e assim o fez, berrando para que a cozinheira chamasse o médico, enquanto as duas Marys e eu o seguíamos. Ele a colocou, suja e tudo mais, em um divã na sala de visitas. — Nunca antes eu havia visto tal item de mobília sento usada para tal propósito. Enquanto as Marys corriam atrás de saís de cheiro, água quente e só Deus sabe o que mais, o duque se lançou a andar pela sala em um ataque operístico de alegria por ter recuperado sua esposa, ira pelos que causaram seu desaparecimento e pena por seu estado, devota gratidão,

impaciência pela chegada do médico, na verdade cada reação possível, apenas ocasional e incidentemente incluía exigências por explicações.

Tão eventualmente, que só quando as Marys assumiram e o médico chegou apressado, é que fui capaz de pedir licença, depois de lhe dar a mais vaga das explicações, indicando que o Dr. Ragostin havia localizado a dama mas que, por delicadeza masculina, preferiu não receber nenhum crédito ou ser mencionado junto ao assunto. O Duque Luis em pessoa parecia tomado por uma delicadeza similar, embora a sua pudesse ser do tipo sociável; ele não me perguntou nada sobre o que eu havia visto ou onde Blanchefleur esteve, e tenho certeza que quando ele entrasse em contato com a Scotland Yard iria reportar apenas que sua esposa havia sido encontrada e se recusaria a cooperar mais do que isso. Uma manchete apareceria nos jornais saudando a volta da duquesa, mas o texto que se seguiria consistiria apenas de especulações criativas. Sherlock Holmes, como o Dr. Ragostin, não receberia crédito pelo caso.

Nem meu irmão desejava qualquer reconhecimento, pensei, enquanto um táxi diferente, sem marcas de lama, me levava embora. Nos relatos do Dr. Watson sobre as aventuras do grande detetive, Sherlock Holmes sempre negava-se a ser mencionado como responsável pela resolução do caso. Certamente nem ele e nem Mycroft desejavam aplausos por este.

Sherlock. Mycroft. Eu tinha irmãos.

Que sentimento estranho, que coisa antiga, que... confortável.

Não me preocupei em parar meu táxi no lugar errado, me esgueirando pelas estações do metrô, cada uma das minhas precauções habituais caso estivesse sendo seguida pelos meus irmãos. Eu simplesmente estava cansada demais para me importar.

Além disso, para minha surpresa silenciosa, me dei conta de que, se eles descobrissem onde eu vivia, não me importaria mais. Em resumo, pedi para que o condutor me levasse diretamente para o Clube das Mulheres Profissionais.

E uma vez lá, entrei por uma das portas laterais para não sujar o carpete da recepção, subi com dificuldade para meu quarto, pedi um banho e algumas torradas com manteiga, aproveitei as duas coisas ao mesmo tempo, enviei minha roupa para a lavanderia, e na hora em que a maioria das pessoas estava iniciando seus dias de trabalho, cá na cama por, coro ao dizer isso a mim mesma, uma bem merecida soneca.

Capítulo Vigésimo

Dormir durante o dia tende a induzir confusão. Acordei naquela tarde me sentindo mais jovem e muito triste, com a certeza de que havia passado meu aniversário dormindo e, portanto, não receberia nenhum presente que valesse a pena, e no topo disso, minha mãe havia desaparecido, eu havia procurado por ela em meio à floresta de Ferndell embaixo de chuva, e, agora, minhas calças estavam molhadas, mas eu precisava encontrar meus irmãos na estação de trem — meus irmãos! Não é de se estranhar que estava me sentindo tão frenética. Não havia me encontrado com eles. Eu queria que eles encontrassem minha mãe, mas também queria muito que gostassem de mim. Eu não devia usar calças, meu cabelo horrível precisava ser lavado, todos os meus vestidos brancos tinham manchas de grama, e se eu não conseguisse chegar na estação de bicicleta...

Bicicleta?

Absurdo. Há um ano que não ando de bicicleta. Havia abandonado a minha em um bosque em uma colina acima da cidadezinha de Belvidere, durante minha viagem solo para Londres.

Sentando-me, reconhecendo meu quarto no Clube das Mulheres Profissionais, me dando conta de que meu aniversário só seria amanhã e que precisava encontrar meus irmãos, e, pela primeira vez, precisava usar um vestido bom; e então vi que havia deixado uma mancha marrom no meu travesseiro. Meu cabelo realmente precisava ser lavado.

Que estranho, os paralelos entre o ano passado e este. Quando saí da cama para tocar a campainha de serviço, me senti confusa, como se tivesse dormido até tarde e perdido a partida de minha mãe, devia encontrá-la, avisar a polícia

da vila de Kineford, devia pegar minha bicicleta na hora...

Bicicleta.

Lá estava novamente. Algo me dando tapinhas no ombro.

Minha mãe havia sido muito paciente para me ensinar a andar de bicicleta, e agora que penso sobre isso, e isso foi extraordinário, pois minha mãe em geral nunca se preocupava comigo.

— Você se sairá muito bem sozinha, Enola — essa era sua frase habitual ao me dispensar.

Humm.

Evidentemente a habilidade de andar de bicicleta havia sido importante para minha mãe, sufragista e reformista que era. De fato, com os pés no chão frio e de camisola lembrando várias conversas, me dei conta de que a bicicleta era um tipo de símbolo das crenças de minha mãe: uma bicicleta oferece liberdade de movimento para as mulheres enquanto exhibe confiante o fato de que elas são, de fato, bípedes, como aqueles que usam calças.

Provavelmente minha mãe assumira que eu estava com minha bicicleta aqui em Londres. Provavelmente ela pensava que eu andava com ela por aqui.

Ah, meu Deus redondo!

Senti-me fraca (o que era perdoável, considerando como havia comido pouco ultimamente), e me sentei na cama, segurando sua borda com as duas mãos.

A bicicleta. O *skytale*. É inegável que uma bicicleta incorpora várias partes tubulares e cilíndricas de tamanhos consideráveis. Não apenas isso, mas parecia para mim... pensando nas muitas bicicletas que havia visto — me parecia que todas eram feitas de cilindros metálicos com aproximadamente as mesmas dimensões.

Sem dúvida, valia a tentativa. Mas eu simplesmente não podia lidar com isso ainda. Precisava lavar meu cabelo — um incômodo, já que precisaria acender a lareira, aquecer várias toalhas, e da assistência de uma das criadas... e era preciso secá-lo, o que levaria horas. E também, a dor e comoção dentro de mim fez com que me curvasse; precisava muito de algo nutritivo para comer. Eu ficaria ocupada pelo resto do dia, e não tinha ideia de onde encontrar uma bicicleta, a não ser talvez se parasse um mensageiro na rua.

Entretanto, depois de uma sopa tranquilizadora, alguns pães celestialmente recém-assados, uma torta de vegetais quente e um copo de divino creme de

ovos com tapioca — depois de jantar em meu quarto por causa de meu cabelo que ainda não estava seco, pude pensar melhor no que fazer. Me apliquei à caneta, lápis e ao meu melhor papel de escrever e o resultado foi o seguinte:

Caro irmão,

Você achará este um estranho pedido de aniversário, não apenas para mim, mas para você e para Mycroft, se você puder ser tão bondoso, eu gostaria de pegar emprestado ou conseguir de outra forma algumas pequenas bicicletas seguras, aquelas usadas para montar, para que eu possa fazer uma experiência na hora do chá

Eu sei que não falhará comigo.

Carinhosamente,

Sua aliciante irmã,

Enola

Enderecei-a para Sherlock Holmes, mas não incluí o endereço de remetente, e, em vez de entregar para um mensageiro, simplesmente entreguei pessoalmente, com meu cabelo preso em um coque, com grandes óculos escuros sobre o nariz e usando um chapéu indescritível e roupas de solteirona; portanto, não atraindo nenhuma atenção desagradável no metrô... muito perigoso tão tarde assim.

Todos estavam na cama quando enfiei meu bilhete pela abertura de cartas na porta do 221 em Baker Street. Sherlock o receberia pela manhã.

A manhã do meu aniversário de quinze anos, certamente. E passei a maior parte da manhã, na verdade a maior parte do dia, me preparando para meu chá de aniversário. Decidi por um corte da moda (com ombreiras, na verdade) um vestido de algodão fino cor de ameixa, ou seja, do melhor tecido, lindamente drapejado, adequado para os dias de verão e tão luxuoso quanto seda. E resolvi arriscar: em vez de usar minha confiável peruca, pedi para uma das criadas do Clube das Mulheres Profissionais para que me ajudasse com meu cabelo recém-lavado.

Uma valente mulher aceitou o desafio, e me deu nada menos do que quinhentas escovadas tentando amaciá-lo e deixá-lo brilhante. Por pura maldade, ele escolheu se lançar de um modo estranho em todas as direções, mas ela não se intimidou, e com a ajuda da água e de numerosos grampos o domou e o

deixou com um chinó completamente apresentável. Com um pouco de cor discretamente adicionada ao meu rosto, colar e mangas compridas brancas franzidas anexadas aos meus vestidos de algodão, e lírios amarelos dourados sobre meu chapéu e corpete, eu estava mais satisfeita do que surpresa ao descobrir, quando parei na frente do espelho de corpo inteiro, que passei na inspeção até no brilho de minhas botas de botão cor de pomba; até Mycroft acharia minha aparência nada menos do que elegante.

Isto me confortou um pouco; meus sentimentos a respeito do encontro de hoje com Mycroft — tomando chá, sem dúvida! — eram consideravelmente confusos e um pouco mais do que meramente assustados. Relembrando aquele amanhecer alvo e do rosto fraco e sereno de Mycroft, seu cansaço compartilhado com o meu, meus sentimentos, meus pensamentos sobre as palavras da cigana — isso tudo parecia sem sentido agora, quão carinhosa e impulsiva eu havia sido por concordar com este encontro. Ridículo, que eu deva ir como um cordeiro à beira de sacrificar minha liberdade. Eu havia dado minha palavra e eu a cumpriria, mas mesmo assim... superstição cigana! Realmente, Enola, me repreendi enquanto procurava as luvas cor de pombo que combinassem com minhas botas, fiz uma inspeção na frente do espelho mais uma vez, suspirei, e então desci para chamar um táxi.

Minhas luvas apenas me impediram de morder as unhas durante a rápida viagem.

Mas, no instante que paramos no 221 da Baker Street, meus pensamentos estavam completamente distraídos, pois na calçada em frente à casa de meu irmão havia uma impressionante exibição de bicicletas.

E também sobre a calçada estavam parados meus irmãos, os dois, mas eles não conseguiram fisgar meu interesse. No momento em que paguei o condutor, me virei para as bicicletas, e meu olhar se lançou como flecha para cada uma.

— O que ela está tramando? — Mycroft exigiu.

Ouvi a voz de Sherlock encolher quando ele respondeu:

— Ela queria bicicletas e bicicletas terá.

— Essa aí! — exclamei, levantando a cabeça atrasada para cumprimentar meus irmãos.

— Olá, Mycroft. Olá, Sherlock — segurei o guidão da bicicleta, puxando-a para frente facilitando meu acesso, e então comecei a tirar minhas luvas para

começar a trabalhar.

— Esta em particular se parece muito com uma das bicicletas que minha mãe e eu costumávamos usar. Não que elas variassem muito nas dimensões. Mas achei que deveria tentar esta antes.

Desenrolei a mensagem codificada de minha mãe, o *skytale*, de dentro do meu busto, o “leva tudo” das mulheres, considerado mais seguro do que os bolsos.

— Ah! Existe método em sua loucura! — com grande bom humor Sherlock ecoou a frase que frequentemente aplicava a si próprio.

Não consegui ouvir a resposta de Mycroft, pois estava concentrada na bicicleta. A longa coluna que ia dos guidões até os pedais parecia a opção mais provável para um *skytale*. Entretanto, depois de enrolar uma das tiras de papel algumas vezes em volta dela, vi que não teria o resultado esperado. Murmurei algo bem maldoso.

— Francamente, minha cara irmã — disse uma voz masculina perto de meu ombro, fazendo que me assustasse com sua provocação; eu não havia notado que meus irmãos haviam parado atrás de mim. Minha irritação acalmou, entretanto, quando com surpresa me dei conta de que as palavras, gentis e provocativas, haviam sido ditas não por Sherlock, mas por Mycroft.

Na verdade, Sherlock estava sendo o mais arrogante dos dois naquele dia.

— Aplicando minha análise ao caráter problemático de nossa mãe — ele pontificou. — Poder-se-ia pensar que, para ela, a parte mais importante de uma bicicleta seria o mecanismo sobre o qual o ciclista exerce controle.

Como minhas costas estavam viradas para ele, me permiti revirar os olhos antes de mudar minha atenção para a grossa coluna de metal que ia até os guidões.

Rapidamente me esqueci de ficar irritada com Sherlock, pois, em poucos minutos, enrolando o *skytale* em volta daquele cilindro, vi as palavras começando a se formar. Mas não estava conseguindo apenas enrolar o papel até o fim, como abaixo do guidão, e já conseguia até ler algumas poucas linhas.

...não se pode ser mãe sem primeiro ser uma pessoa; família, marido e filhos não deveriam ser permitidos, como geralmente é o caso, de roubar a personalidade e os sonhos de uma mulher. Considero que, se eu não fosse sincera comigo mesma, então todo o papel de mãe que exerci com você teria sido falso...

Meu irmão Sherlock, se abaixando do outro lado da bicicleta, continuou a ler em volta da curva do cilindro:

Eu não conseguiria ser outra além de quem sou, mas talvez não devesse ter sido mãe. Sendo este o caso, não me surpreende que seus irmãos sejam os dois solteiros...

— Por Deus — Mycroft disse. — Que epístola, e acredito que ainda estamos no meio. Ainda tem mais três tiras de papel, não é? Temos que tentar averiguar qual vem primeiro?

— Temos, de fato — Sherlock concordou. — E se você pudesse fazer a gentileza de pedir papel e lápis para o garoto de recados, poderia copiar a mensagem enquanto Enola e eu a lemos em voz alta para você.

E assim começou meu “chá” de aniversário na calçada do lado de fora do 221 da Baker Street. Pouparei o gentil leitor da descrição completa de nossos erros e experimentos com as quatro tiras de papel. E devo dizer que me senti completamente satisfeita, e até com um certo tipo de alegria, por simplesmente estar trabalhando junto aos meus irmãos por um objetivo em comum. Minha felicidade, entretanto, recebeu um golpe brusco quando finalmente localizamos o começo da mensagem de nossa Mãe:

Minha mais querida Enola,

Se você recebeu esta comunicação, significa que estou morta.

Capítulo Vigésimo Primeiro

Eu estava lendo em voz alta na hora, e minha voz falhou. Um silêncio completo caiu entre nós três, embora o tráfego na rua retumbasse mais alto do que nunca. Nem Sherlock nem Mycroft pareciam saber o que dizer. Ou talvez esperasse que eu, a mais querida Enola, falasse.

— É claro — eu disse finalmente —, os desenhos em carvão no envelope, as bordas e círculo com os olhos guardiões — os ciganos os colocaram ali para se proteger enquanto entregavam a mensagem.

— Em sua superstição, eles precisam evitar a sombra da morte — disse Mycroft irritado. — Precisam realmente.

— Enola — disse Sherlock. — Sinto muito.

— Pelo quê? — através dos raios da bicicleta fiz o que esperei ser uma cara engraçada para ele. — Feliz aniversário para mim.

Sherlock desviou o olhar.

— Billy — ele chamou severamente o garoto de recados. — Você pode devolver o resto dessas bicicletas aos seus donos.

E, enquanto ele o fazia, nós continuamos. Novamente, para poupar o gentil leitor não descreverei nossa contínua luta com a carta de despedida de minha mãe. Aqui está ela completa, como Mycroft transcreveu:

Minha mais querida Enola,

Se você recebeu esta comunicação, significa que estou morta. Abrupta e, de fato, cruel como estas palavras podem soar, eu me recuso a abrandá-las dizendo que “faleci ou fui para um lugar melhor” ou qualquer uma dessas superficialidades habituais. Você sabe que, como uma mulher educada e uma

livre pensadora, não acredito em vida após a morte. Uma das razões pela qual tão ardentemente lutei pelos direitos das mulheres é porque estava convencida de que a vida de alguém é a única vida que se terá, e se deve vivê-la por completo.

E foi por esta razão que eu a deixei — sim, eu direi isso, eu a abandonei; por favor, acredite que me sinto bastante culpada — de uma maneira bastante dura. Eu queria ter adiado por mais um ou dois anos, mas sentia o câncer crescendo no meu abdome e aumentando em níveis alarmantes, e então percebi que não tinha tempo a perder. Enola, você sempre foi mais sábia do que sua idade permitiria, então espero que você seja capaz de entender que não se pode ser mãe sem primeiro ser uma pessoa; família, marido e filhos não deveriam ser permitidos, como geralmente é o caso, de roubar a personalidade e os sonhos de uma mulher. Considero que, se eu não fosse sincera comigo mesma, então todo o papel de mãe que exerci com você teria sido falso. Eu não conseguiria ser outra além de quem sou, mas talvez não devesse ter sido mãe. Sendo este o caso, não me surpreende que seus dois irmãos sejam solteiros; talvez você também abra a mão de ter descendentes, e, talvez, isso seja o melhor.

Em todo caso: durante toda minha vida desde que eu era uma criança ansiei pela experiência da liberdade simples dos ciganos. Eu amo seus vestidos coloridos, confortáveis, o som de seus violinos, seus cavalos empinando a cabeça, suas risadas, a exibição de suas regras bobas. Suas atitudes desonestas, como você pode imaginar, não me aborrecem nem um pouco, já que são feitas por espíritos rebeldes como o meu, pois certamente agora você sabe que fui considerada uma criminosa pelos olhos da lei quando a deixei.

Sendo assim, de modo egoísta, fui buscar meus sonhos — mas ofereci a fraca desculpa de que também estava consciente dos seus, desejando lhe poupar do melodrama de ter de me cuidar em meu leito de morte, usar crepe negro e tomar parte em todos os deploráveis rituais de luto que a sociedade exige. E também desejei evitar o destino de seu pobre pai: um funeral na igreja e uma placa de pedra. Eu só queria ser livre. Ter uma vida livre, o pouco que restou dela, e ter uma morte livre.

Que ironia, então, que eu, uma racionalista, tenha escolhido viver meus últimos dias com pessoas que fervorosamente acreditam em todos os tipos de besteira, desde quiromancia até a vida após a morte. Mas, apesar de suas su-

perstições, nada conseguiu diminuir minha afeição pelos ciganos. Eles me tratavam quase como uma divindade. Estou deitada agora em uma tenda erigida especialmente para mim porque estou morrendo. Estou sendo cuidada com carinho, apesar de que todos aqueles que toquem em mim precisem passar por um ritual de purificação depois. Fizeram sapatos novos para mim, e uma roupa nova, para que eu tenha tudo o que precisar na hora de minha morte. Amuletos e moedas serão espalhados sobre mim quando me deitarem no solo, e, sem dúvida, irão me enterrar com meus pincéis. Se eu tivesse cavalos ou uma caravana somente minha, a caravana seria queimada e os cavalos mortos para seguirem comigo. Como não tenho, eles farão coroas de flores no formato de cavalos e uma caravana, e os colocarão sobre minha sepultura, que será onde o vento os levar no momento. Depois disso, dentro de um dia, eles me deixarão para trás, seguindo seu caminho errante e seguirão cantando...

Para mim, por razões que não posso explicar, tudo isso me parece muito bonito. Para você, talvez não. Eu tento ver o que fiz pelo seu ponto de vista e me dou conta de que certamente lhe fiz sofrer. E provavelmente lhe fiz se perguntar sobre meus sentimentos por você como mãe. Eu mesma estive me questionando se lhe provi de tudo o que pude. E, com gratidão, a resposta é sim; eu a amei o tanto que fui capaz, sendo a pessoa que sou. O paradoxo é que uma mãe diferente teria lhe dado um amor mais caloroso. Mas, se você fosse afilha de uma mãe diferente, então você não seria Enola.

Enola Eudoria Hadassah Holmes, minha filha de quem sou justificadamente orgulhosa, lhe escrevo isto porque lhe devo a verdade. Aos seus irmãos não devo nada. Embora fique feliz com suas realizações, e espero que, venha o tempo em que seja possível você dividir o que há nesta carta com eles.

Intencionalmente não incluirei nenhuma data. Eu não desejo que se lembrem do aniversário de minha morte. Já foi dito que nós “continuamos vivendo” na memória daqueles que deixamos para trás. Sem nenhum desejo de continuar vivendo em nenhum sentido da frase, mas confiando de que não pensará muito mal de mim,

Sua mãe,

Eudoria Vernet Holmes

Nossas reações a essa carta foram várias e interessantes. Sherlock subitamente decidiu que deveria devolver a bicicleta restante pessoalmente ao seu

dono, e foi o que fez, montado nela, enquanto Mycroft me acompanhou ao subir os degraus, ofegante e com o rosto vermelho, e então ele desceu de novo, rugindo ao pedir chá. Quanto a mim, suponho que não seria humana se não tivesse deixado rolar algumas lágrimas, especialmente quando Reginald Collie veio me receber, sua dedicação sincera e sem egoísmo contrastando tanto com... Deixei-me cair no sofá, o cão pulando do meu lado, e recostei meu rosto contra seu pescoço peludo e chorei. Se minha mãe tivesse sido mais parecida com um cão.

O absurdo deste pensamento quase me fez rir entre lágrimas. Agora, realmente, Enola, me censurei, me endireitando para assoar o nariz. Realmente, eu devia muito a minha mãe, e como ela esperava, eu não pensava mal dela. Por ser ela mesma, sufragista e encenqueira Eudoria Holmes, havia me dado a coragem de, por exemplo, ser eu mesma: Enola.

Voltando para me encontrar de olhos úmidos, Mycroft retumbou uma série de “tsc” incompreensíveis e começou a procurar nos bolsos, mas eu já era capaz de sorrir e dizer para ele:

— Para variar, tenho meu próprio lenço — e levantei um delicado lençinho com violetas bordadas.

— Este é inútil — resmungou.

— Acho que serviu ao seu propósito. — Eu já não mais me sentia inclinada a chorar. Em vez disso, fiquei maravilhada por me encontrar sentada na mesma sala que meu irmão Mycroft sem medo. Eu estava surpresa por vê-lo obviamente pouco à vontade, como reparei com carinhoso divertimento.

— Onde está Sherlock, e onde está o maldito chá? — ele reclamou.

O que será que faríamos sem chá? Ele chegou, Mycroft me serviu, e me ofereceu um prato de bolo — bolo de aniversário? — e quando peguei uma fatia, disse subitamente:

— Enola, acho que está em meu poder fazer seu aniversário um pouco mais feliz no fim das contas.

— Você já fez — eu disse.

Mal-humorado, ele respondeu:

— Deixe-me falar. Primeiro, sinto muito...

— Não precisa! — gritei.

— Por favor, faça silêncio. Sinto muito por ter falado tanto, e nunca saber a verdade sobre as escolas preparatórias para garotas, e devido ao que tenho

aprendido ultimamente, não tenho mais nenhum desejo de enviá-la para tais lugares. Ademais, me arrependo por ter subestimando você. Quando nos encontramos pela primeira vez, pensei em você como uma criança que eu deveria salvar de si mesma, responsabilidade que deveria tomar para mim, de fato, um modo negligente de resgate. Sua resposta, embora eu tenha achado ultrajante, todavia me provou estar errado — ele falava olhando largamente para as coisas do chá, mas subitamente ergueu seu olhar penetrante, me encarando de frente por sob suas sobranceiras ericadas.

— Espero que entenda que eu não queria lhe fazer mal.

— Claro que não queria me fazer mal. Você tentou fazer o que sentia ser seu dever. — E percebi que estávamos prestes a entrar em uma negociação diplomática. Mycroft ainda tinha poder legal sobre mim, ainda se sentia responsável por mim, e Sherlock não estava nas proximidades para me salvar se Mycroft escolhesse me ter literalmente nas mãos — mesmo assim, sem saber realmente o motivo, não me senti nem um pouco com medo.

Mycroft concordou.

— O que ainda sinto ser meu dever, Enola, é minha responsabilidade e ver que você vive em um lugar seguro...

— Sou residente do Clube das Mulheres Profissionais — disse a ele, segura de que não seria mais necessário esconder por onde eu andava, embora ainda não conseguisse dizer porquê.

Suas sobranceiras saltaram em impressionada aprovação.

— Nenhum outro lugar de Londres seria mais seguro. Mas o custo! Neste momento, o dinheiro que nossa cara, mas desviada mãe lhe forneceu...

— E investi um pouco em uma pensão — disse a ele. — E os aluguéis são suficientes para minhas necessidades.

— Por Deus! — ele exclamou, enquanto igualmente explosivo foi o latido de Reginald para nosso irmão que entrava.

— Sherlock, você ouviu isso?

Claro que Sherlock não havia ouvido nada daquilo. Com ímpeto, quase como uma roda de moinho, Mycroft se virou para ele.

— Ela reside no Clube das Mulheres! Ela é dona de uma pensão, e vive dos aluguéis!

— Por que você está surpreso, meu caro Mycroft?

Caindo em uma poltrona, como se os eventos do dia o houvessem enfra-

quecido, Sherlock se serviu de um pouco de chá.

— Você esperava tanta competência; na verdade, você estava bem certo em tudo que havia me dito por todo esse tempo.

— O que quer dizer?

— Você formulou a hipótese de que ela estava no negócio de encontrar pessoas desaparecidas — se recostando com a xícara na mão, Sherlock se virou para mim com um olhar inquisidor. A pensão da qual você é dona, Enola... teria alguma chance de hospedar o escritório do doutor Ragostin, vidente científico?

Temo que meu sorriso me desertou.

— Desde quando você sabe?

— Apenas desde que questionei o Duque Luis Del Campo, se sua esposa estava se sentindo melhor, e ele creditou ao doutor Ragostin o sucesso em encontrá-la — Sherlock parecia achar seu chá notavelmente revigorante, pois agora seus olhos brilhavam e sua voz inchou, vibrante, quando ele disse:

— A grandiosa garota é minha concorrente, Mycroft!

Como não estava entendendo, Mycroft respondeu nervoso:

— Sherlock, por favor, apresente seus pensamentos de um modo mais sensato.

Mas Sherlock havia se virado para mim.

— Ivy Meshle trabalhava como assistente do doutor Ragostin?

Eu suspirei.

— Não, apenas como sua secretária. Desde então eu me promovi à assistente. Sob outro nome.

Finalmente capturando a conversa pelo rabo, Mycroft se ajeitou na poltrona e lançou um olhar provocativo:

— Você inventou este doutor Ragostin?

— Exatamente.

— Para que você pudesse se dedicar a encontrar pessoas desaparecidas?

Por um momento não consegui responder, parecia haver uma obstrução calorosa em minha garganta. Os dois pares de olhos de meus irmãos fixos em mim, cada um exibindo o mesmo desejo sincero de entender esta estranha criatura, sua irmã, e, neste momento, me dei conta de por que não tinha mais medo deles.

Eles se importavam comigo.

E eu com eles.

Que... que deleite, que satisfação, que doce era saber disso... melhor do que qualquer bolo de aniversário. Isso me permitiu confiar neles.

— Sim, coisas e pessoas desaparecidas. Eu queria no começo encontrar nossa mãe... mas deixei isso de lado.

— Sábio — Mycroft disse concordando.

— Uma pessoa deve se conhecer — disse Sherlock calmamente. — O quanto ela pode tomar de responsabilidades para si. Quanto se pode aguentar.

Por um momento, todos ficamos sentados em silêncio, e ousei dizer que nós três pensamos em nossa mãe, a quem amávamos, suponho, o quanto éramos capazes, sendo as pessoas que somos.

Mycroft foi o primeiro a se levantar.

— Bem, Enola — ele perguntou. — E agora? Como poderei “cuidar melhor de você”, como nossa falecida mãe teria dito, e mantê-la longe de ser morta, mas sem provocar sua inimizade? Sherlock disse que você gostaria de alguma educação superior.

— Eu gostaria — admiti. — E gostaria, para variar, de respirar um ar que não tivesse uma textura oleosa nem uma cor visivelmente esfumaçada...

— Você gostaria de tirar férias de Londres?

— Por um tempo. Talvez algumas semanas em Ferndell — Reginald Collier se inclinou alarmado contra minha saia quando sem notar o atingi. — E, também, gostaria muito de visitar a senhorita Cecily Alistair e ver como ela está, e se podemos ser amigas. Talvez ela até queira ser uma acadêmica comigo.

— Uma ótima ideia — disse Mycroft, que conhecia um pouco de minha afeição por Cecily. — E depois disso?

— Eu te falo. Preciso de um tempo para pensar. Mas, meus caros irmãos, vocês dois... — Me sentando reta, atraí os dois pares de olhares de falcão na mesma hora. — Por favor, não tenham ilusões de que eu me tornarei uma mulher tradicional. Encontrar o que está perdido é minha paixão, a vocação da minha vida. Eu sou uma vidente.

— Excelente! — gritou Sherlock.

— Um escândalo — resmungou Mycroft em um tom resignado.

— Enola — Sherlock se dirigiu a mim com mais emoção do que alguém jamais perceberá nele. — Minha querida irmã, eu lhe suplico, seja quem você

quiser ser. Falando de um modo egoísta, me tornei um viciado em você, em seu talento — o entusiasmo do não saber — e, na verdade, mal posso esperar para ver que diabos você aprontará em seguida.

[<1]

Heatcliff, personagem principal do livro *O Morro dos Ventos Uivantes*, de Emily Bronte.

Charles Frederick Worth. Costureiro inglês do século XIX, considerado o Pai da alta-costura e dos desfiles de moda com modelos.

Moura, relacionado à arquitetura espanhola do século VIII ao XVI caracterizada por ornamentos e ferraduras (N.E.).